

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MARCELA MARIA DOS SANTOS

**LEITURAS LAPLANCHEANAS DA OBRA DE MELANIE KLEIN:
algumas contribuições para a teoria da constituição psíquica**

Belo Horizonte

2019

Marcela Maria dos Santos

**LEITURAS LAPLANCHEANAS DA OBRA DE MELANIE KLEIN:
algumas contribuições para teoria da constituição psíquica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo

Área de concentração: Estudos psicanalíticos

Linha de pesquisa: Conceitos fundamentais em psicanálise

Belo Horizonte

2019

150 Santos, Marcela Maria dos.
S2371 Leituras laplaceanas da obra de Melanie Klein
2019 [manuscrito] : algumas contribuições para a teoria da
constituição psíquica / Marcela Maria dos Santos. - 2019.
79 f.
Orientador: Fábio Roberto Rodrigues Belo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise - Teses. 3. Klein, Melanie, 1882-1960. I. Belo, Fábio Roberto Rodrigues. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO


**LEITURAS LAPLANCHEANAS DA OBRA DE MELANIE KLEIN:
algumas contribuições para a teoria da constituição psíquica**

MARCELA MARIA DOS SANTOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Fábio Roberto Rodrigues Belo - Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais


Prof(a). Cassandra Pereira Franca
UFMG


Prof(a). Maria Teresa de Melo Carvalho
UFMG


Prof(a). ELISA MARIA DE ULHOA CINTRA
PUC-SP

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2019.

*A todas as mulheres
que enfrentaram os espinhos
proporcionados pela sociedade patriarcal,
às Melanies Klein do século XX,
que arrancaram os cadeados do conhecimento,
às Marielles Franco do século XXI,
que não cessam de florescer
mesmo em terrenos áridos.
Sem vocês eu jamais estaria aqui.*

Marielle, presente!

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Célia e ao meu pai José Inácio por toda a dedicação, pelo cuidado e pelo amor. Obrigada pelo longo e árduo processo de continência e contorno narcísico, sem os quais eu jamais me tornaria quem eu sou. Obrigada por acreditarem em mim, por todo o esforço e pelo trabalho para me ajudarem nesta caminhada.

Às minhas irmãs Adeline e Beatriz pela parceria durante todos estes anos. Nossa tríade fraterna foi fundamental para não me deixar cair nos momentos difíceis.

À Nilce Almeida por ter aparecido em minha vida deixando-a mais bonita, mais leve e colorida. Obrigada por segurar minha mão nesta travessia da vida.

Ao meu amigo Eduardo Teodoro, que acreditou em mim quando eu mesma não acreditava, insistindo que eu tentasse o mestrado. Obrigada pela parceria e conversas, Edu!

Às minhas amigas Marina Almeida e Vanessa Biscardi, que sem dúvida tornaram a caminhada do mestrado mais alegre e leve.

Ao meu amigo João Maria Kaisen, por todo o carinho e pela parceria; pelos momentos de conversa e estudos, que foram fundamentais para minha admissão no mestrado.

Às minhas amigas e aos meus amigos Amanda Castro, Amanda Margarida, Bia Lamounier, Bruno Sbruzzi, Danielle Faustino, David Moreno, Denise Ribeiro, Giovana Andrade, Juliana Toletino, Juni Rezende, Kéllen Mateus, Mariana Moreira, Mariana Perdigão, Míriam Marinho, Paula Gonzaga, Ricardo Castro e Vanessa Guimarães. De alguma maneira, todos vocês fazem parte deste processo, pessoas companheiras, que admiro como pessoas e como profissionais. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

Ao meu orientador Fábio Belo agradeço imensamente por aceitar esta parceria comigo. Obrigada pelos momentos de paciência e por se mostrar sempre disponível quando foi preciso.

Às professoras Cláudia Mayorga, Lisandra Espíndula e Cassandra França pela inspiração e pela ajuda na minha formação acadêmica.

A Danielle Mattos pelas supervisões e pela inspiração na minha formação analítica.

À CAPES por todo o seu empenho para a continuidade das pesquisas no Brasil. Sem seu apoio financeiro meu percurso certamente teria sido interrompido. Em tempos sombrios, é preciso nos mantermos em alerta aos ataques que as políticas públicas de democratização do ensino vêm sofrendo.

Aos meus pacientes, que me incentivam a cada dia a sair do conforto e mergulhar nas correntezas da pesquisa em psicanálise.

RESUMO

Entendendo a importância da obra de Melanie Klein, a presente pesquisa tentou resgatar conceitos-chave de sua teoria, cujo resultado foi a construção de dois artigos. No primeiro artigo, investiga-se a *castração* em Klein, a partir das críticas de Laplanche sobre o tema. Conclui que a gênese projetiva da castração, tal como descrita por Klein, corrobora a tese laplancheana da castração enquanto código tradutivo do sexual. No segundo artigo, investigou-se a *teoria das posições*, de Melanie Klein, sobretudo a posição esquizoparanoide. Nesse momento, foram feitas algumas aproximações entre a *teoria da sedução generalizada*, de Jean Laplanche, e a *teoria constitucional*, de Klein. Em seguida, discute-se a tese de Jacqueline Lanouzière, que concebe o processo de aleitamento como uma cena originária da sedução. A autora percorre a teoria de Klein, buscando vestígios do radicalismo da alteridade na constituição psíquica. Conclui-se que a organização esquizoparanoide descrita por Klein é uma organização tradutiva do eu para lidar com a intromissão provocada pelo processo de sedução generalizada, que ocorre na relação adulto-bebê.

Palavras-chave: Castração, Teoria das posições, Melanie Klein, Jean Laplanche, psicanálise.

ABSTRACT

Understanding the importance of the work of Melanie Klein, the present research tried to recover key concepts of its theory, whose final result was construction of two articles. In the first article, castration is investigated in Klein, based on Laplanche's criticisms of the subject. It concludes that the projective genesis of castration, as described by Klein, corroborates for the Laplancheana thesis of castration as translation code of the sexual. In the second article, the theory of Melanie Klein's positions, especially the schizoparanoïd position, was investigated. At this point, some approximations were made between Jean Laplanche's theory of generalized seduction and Klein's constitutional theory. Next, the thesis of Jacqueline Lanouzière, who conceives the process of breastfeeding as a scene originating from seduction, is discussed. The author goes through Klein's theory, looking for traces of the radicalism of otherness in the psychic constitution. It is concluded that the schizoparanoïd organization, described by Klein, is a translation organization of the I to deal with an intrusion caused by the process of generalized seduction that occurs in the adult-baby relationship

Keywords: Castration, Theory of positions, Melanie Klein, Jean Laplanche, Contemporary clinic.

SUMÁRIO

Resumo.....	5
Abstract.....	6
Introdução.....	8

OS ESQUEMAS TRADUTIVOS DO SEXUAL: uma leitura laplancheana da teoria da castração de Melanie Klein.....		12
Resumo.....		12
Abstract.....		12
Introdução.....		13
1 A problemática da castração.....		15
a) A angústia de castração é herdeira de angústias mais arcaicas.....		15
b) A castração como processo de simbolização.....		17
c) Castração e Édipo como códigos narrativos e a designação do gênero.....		18
2 Melanie Klein e o complexo de castração.....		21
2.1 Os extravios kleinianos no complexo de castração: o realismo anatômico.....		24
3 Discussão.....		28
Considerações finais.....		34
Referências.....		38
A SEDUÇÃO ORIGINÁRIA NA TEORIA KLEINIANA.....		41
Resumo.....		41
Abstract.....		41
Introdução.....		42
1 As imagos do seio bom e do seio mau e a teoria das posições de Melanie Klein.....		43
2 A representação da angústia de aniquilamento.....		48
3 A teoria da sedução generalizada e a obra de Melanie Klein.....		51
4 O aleitamento como sedução originária: corpo da mãe como palco e roteirista das introjeções e projeções primárias.....		57
Considerações finais.....		67
Referências.....		70
Reflexões finais.....		72
Referências da introdução e das reflexões finais.....		75

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa debruçou-se sobre as obras de Jean Laplanche e Melanie Klein, dois importantes autores, com o objetivo geral de provocar o surgimento de novas concepções, buscando novas saídas para os impasses teóricos da psicanálise atual.¹ Mas quais seriam esses impasses?

A clínica, com as novas formas de expressão de gênero, se apresenta como o primeiro desses impasses. As discussões a respeito das identidades de gênero e da diversidade sexual no século XX são evidentes e tornam-se cada vez mais calorosas, principalmente com as proposições dos estudos *queer*.² Refiro-me, aqui, de maneira geral, aos grandes nomes dos feminismos, tais como Gayle Rubin (1975, 1984); Judith Butler (1990, 2005) e Paul Beatriz Preciado (2011).

Se, anteriormente, Freud se deparava com os impasses da histeria vitoriana em seu consultório, hoje, o psicanalista muitas vezes se depara com os impasses do que Preciado chamaria de “multidões *queer*”. Tal noção apresenta novas perspectivas de subjetivação, que ultrapassam a questão da consolidação de uma “identidade”. Obviamente, este trabalho não intenta lidar com respostas universais ou prontas sobre como deve ser a clínica nesse cenário de novas identidades. Ao contrário, pretende reafirmar a necessidade de escrever, de falar sobre tais questões, denunciando as incongruências da teoria, a fim de aperfeiçoá-la.

O alerta de Foucault (1984/1999) a respeito de a psicanálise ser “uma técnica de controle, dado que ela cria um personagem estruturando-se em torno de seus desejos sexuais” (p. 432) é pertinente. Entendemos que psicanálise, como qualquer outro discurso teórico, se não bem localizado e refutado, se tornará mais um dispositivo de controle dos corpos. Percebemos que o dogmatismo das escolas psicanalíticas, equivocadamente incutido nas

1 Ao longo da pesquisa nos referimos às noções de ‘contemporaneidade’, ‘clínica atual’, ‘dias de hoje’. Com esses termos estamos apoiados no entendimento de que houve uma quebra de paradigma dos planos histórico, político e social em decorrência da passagem do século XX para o século XXI, principalmente no que se refere ao declínio do patriarcado e sua nova organização. Acreditamos que essa passagem marca sistematicamente as novas formas culturais, os novos arranjos subjetivos dos sujeitos, interferindo nos sintomas de cada um e, assim, exigindo uma movimentação da teoria psicanalítica para acompanhar tais transformações.

2 Surgidos no final do século XX, os estudos *queer* tratam das questões de gênero e orientação sexual como construtos sociais não essencializados ou não naturalizados. A palavra “*queer*”, que é um insulto em inglês, significaria ‘estranho’, ‘sapatão’ e ‘veado’. Essa palavra foi apropriada por pessoas e teóricas subalternizadas, na tentativa de esvaziá-la do sentido pejorativo e recheá-la de potencial empoderador.

universidades, corrobora a reprodução de uma psicanálise às avessas, ou seja, uma transmissão fechada em si mesma, que não permite refutações nem a interdisciplinaridade.

Percebendo tal dogmatismo, buscamos uma resposta diferente aos impasses contemporâneos: um retorno à primeira autora que descentraliza o falo de sua teoria. Descemos aos porões para resgatar a “tripeira inspirada” (Lacan, 1958-1998, p. 761). Apesar de muitas críticas sobre sua “clínica do imaginário” ou sobre o caráter estereotipado de suas interpretações (Falbo, 2010), Klein ainda é consultada não só por psicanalistas, mas para discussões teóricas importantes a respeito das fronteiras psíquicas do eu e do outro, e dos desdobramentos éticos dessa díade (Butler, 2015). Vemos que toda grande obra permanece viva no decorrer das décadas, seja pela aplicabilidade de sua teoria, seja pelas críticas a serem feitas a elas, preparando terreno para novas criações.

Para tanto, buscar em Melanie Klein (1928, 1929, 1932, 1935, 1940, 1945, 1957) os conceitos-chave de sua teoria, por exemplo, Édipo precoce, posição feminina, inveja do seio e teoria das posições, mostra-se como um desafio eminente porém com grandes chances de contribuir para os atuais estudos de psicanálise. Além disso, torna-se necessário deixar claro que a escolha de retomar uma teoria como a de Melanie Klein, é “localizar o saber”, como nos diz Donna Haraway em seu artigo “Saberes localizados”, de 1988.

Melanie Klein foi uma das poucas mulheres do seu tempo a enveredar pelo campo psicanalítico. Abandonando seu desejo de continuar os estudos para se casar cedo e se dedicar à vida de mãe e esposa, Klein vai atrás, por si só, de respostas para sua própria vida e encontra a psicanálise através de Ferenczi, dedicando o resto de sua vida à psicanálise infantil (Petot, 1979). Os grandes nomes da psicanálise, bem como os de qualquer outra área do conhecimento, são majoritariamente compostos por homens brancos, não por acaso do destino, mas porque a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina (Spivak, 2010).

Embora chamada de “profissional amadora” por muitos psicanalistas, Klein expandiu sua teoria baseada em Freud e construiu uma técnica psicanalítica (Sayers, 1987, p. 25) inspirando muitas “subalternas”³ a falar também. Dessa maneira, levando em consideração o que Laplanche (1981) nos diz sobre o progresso a psicanálise, entende-se que somente a partir dos momentos inovadores e do movimento de regresso às fontes é possível construir um

3 Para saber mais sobre saberes subalternizados na ciência, ver Gayatri Spivak (2010), teórica indiana referência dos estudos pós-coloniais, que questionou quem de fato pode ter acesso/reproduzir os discursos de saberes.

campo teórico plural e consistente, que seja capaz de se reformular a partir de suas inconsistências.

Sendo assim, a partir de tais inspirações e inquietações, ocorreu a construção do projeto de pesquisa, que resultou na construção do primeiro artigo – *Os esquemas tradutivos do sexual: uma leitura laplancheana da teoria da castração de Melanie Klein*. A primeira parte que compõe a presente pesquisa debruçou-se sobre a teoria da castração kleiniana a partir das contribuições de Jean Laplanche sobre o tema. Com esse movimento, tentamos exibir como é possível uma resposta psicanalítica às questões de gênero sem cair nos essencialismos teóricos.

Nossa intenção não foi avançar as hipóteses das leituras feministas, mas mostrar como a psicanálise oferece elementos para acolher tais críticas. Sendo assim, como veremos, o primeiro artigo conta com o recorte metodológico do conceito de castração na obra kleiniana (Petot, 1987, 1992) e na obra de Laplanche (1988), com o objetivo de oferecer ferramentas teóricas para a escuta clínica da diversidade dos arranjos libidinais possíveis.

Após esse percurso, pudemos avançar no estudo da teoria kleiniana. Não coincidentemente – talvez a partir de um ato falho –, fizemos um movimento parecido com o de Klein, no percurso de nossa pesquisa, no que se refere à gradativa aproximação dos primórdios da construção psíquica, através das suas postulações e sua investigação da posição esquizoparanoide.

Nosso movimento se assemelhou a esse, pois a partir do primeiro artigo, trabalhamos os processos do recalque secundário, que chancela a organização narcísica, a posição do sujeito frente aos objetos, proporcionada pela dissolução do Édipo tardio freudiano propriamente dito e pelas designações de gênero. Ou seja, concluímos, assim como Klein, que tais processos compõem a entrada na posição depressiva.

No entanto, ainda nos restaram alguns impasses a respeito dos primórdios dessa constituição: Como se formariam os núcleos e as imagos regidas pelas pulsões de morte (imagos más) e pelas pulsões de vida (imagos boas)? Qual o papel da alteridade nessas construções? Seriam roteiros preexistentes?

Como tentativa de solução desses impasses, investigamos os vestígios da teoria da sedução generalizada (Laplanche, 1992; Lanouzière, 1991) na obra kleiniana com o objetivo de dar um fechamento à teoria da constituição psíquica do recalque originário e do recalque secundário.

Como resultado dessa investigação, surge o segundo artigo – *A sedução originária na teoria kleiniana* –, que conta com um estudo da teoria das posições kleinianas. Trabalhamos a

partir da teoria da sedução generalizada e de comentários de Laplanche sobre a obra kleiniana. Buscamos ainda compreender as construções das imagos más e das imagos boas como organização do eu para lidar com a intromissão da alteridade. Em seguida, procuramos entender os processos pelos quais se fundam as primeiras organizações psíquicas, os processos traumáticos que contornam e colorem todo o mundo interno de maneira singular a cada sujeito.

Dessa forma, a dissertação está organizada em dois artigos: o primeiro como uma investigação dos processos da constituição psíquica da diferença sexual, alocando tais processos como oriundos de processos mais elaborados, a posição depressiva; e o segundo como uma investigação dos primórdios da constituição psíquica, procurando encontrar elementos na própria teoria kleiniana que fundamentem uma teoria mais consistente, livre dos ares constitucionais biologizantes, que por vezes aparecem de maneira contundente na teoria de Melanie Klein.

O presente trabalho visou resgatar fundamentalmente o brilhantismo de Melanie Klein (Kristeva, 2002), sobretudo sua aguçada intuição clínica. Apesar do contato constante com sua obra, ainda sou surpreendida com a eficácia clínica que a técnica kleiniana proporciona ao meu fazer clínico. No entanto, é preciso atualizar o estudo dessa obra para que ela possa fazer sentido na contemporaneidade, a fim de ser mais uma ferramenta para o avanço da clínica psicanalítica.

**OS ESQUEMAS TRADUTIVOS DO SEXUAL:
UMA LEITURA LAPLANCHEANA DA TEORIA DA CASTRAÇÃO DE
MELANIE KLEIN**

Resumo: A interpretação de Jean Laplanche sobre a teoria da castração de Freud se estabelece como crítica à naturalização e à transcendência de alguns processos de simbolização da ordem do contingente presentes nessa teoria. Assim, a partir desse pensamento, no primeiro momento deste artigo mostraremos como Laplanche faz avançar a teoria, possibilitando uma nova abertura para o entendimento da constituição psíquica da diferença sexual e seus possíveis desdobramentos no espaço clínico. Na segunda parte, guiados pela metodologia usada por Laplanche na crítica feita a Freud, investigamos a teoria da castração na obra de Melanie Klein. Vimos que a teoria kleiniana proporciona avanços à psicanálise quando substitui a primazia do falo e aprofunda a teoria do complexo de Édipo freudiano trazendo à luz a dinâmica do psiquismo arcaico. No entanto, percebemos que Klein, assim como Freud, tende a naturalizar e universalizar as construções binárias da diferença sexual atreladas ao gênero. Concluímos que a angústia da castração, tanto em Freud quanto em Klein, pode ser lida como um código tradutivo do sexual, ou seja, como suplência a ruptura de qualquer plenitude narcísica.

Palavras-chave: Castração; Melanie Klein; Jean Laplanche; Códigos e esquemas narrativos.

Abstract: The Jean Laplanche's interpretation on the Freud's theory of castration is established as a criticism of naturalization and transcendence of some symbolizations processes of the order of the contingent present in this theory. Thus, from this thought, in the first moment of this article we show how Laplanche advances the theory, allowing a new opening for the understanding of the psychic constitution of the sexual difference and its possible unfolding in the clinical space. In the second part of this work, guided by the methodology used by Laplanche in the critique of Freud, we investigate the theory of castration in Melanie Klein's work. We have seen that the Kleinian theory advances when it decentralizes the primacy of the phallus and removes the Oedipus complex from a place of fundamental tool to the constitution of the psyche. However, we perceive that Klein, like Freud, tends to naturalize, and universalize, the binary constructions of sexual difference linked to the genre. We concludes that the anguish of castration, in both Freud and Klein, can be read as a translative code of the sexual, either as a substitute for any disruption of narcissistic fullness.

Keywords: Castration; Melanie Klein; Jean Laplanche, Translation code, Narrative scheme.

Introdução

Jean Laplanche (1983a) faz uma crítica à teorização freudiana, que coloca as fantasias infantis da ameaça de castração como um processo natural, atemporal e universal no plano da organização da diferença dos sexos. Calcado nessa crítica, nosso trabalho se inscreve como uma tentativa de contribuir com a clínica contemporânea, buscando ferramentas teóricas que possibilitem novas leituras e interpretações da constituição psíquica da diferença sexual.

Desse modo, torna-se importante a provocação de Laplanche (1983b) em seu texto *Faut-il Brûler Melanie Klein?*,⁴ no qual ele questiona: “como o pensamento analítico progride?” (p. 216, tradução nossa). Para o autor, tal progresso ocorre justamente em semelhança com o processo interpretativo da escuta analítica: “Por repetição e ruptura, por banalização e reafirmação, por circularidade e aprofundamento. Momentos inovadores também são retornos à fonte. Aprofundar é a reafirmação de uma exigência originária”. (Laplanche, 1983, p. 216, tradução nossa).

Para alcançar nosso objetivo de ampliação da teoria do complexo de castração, é importante retornar à teoria de uma das primeiras psicanalistas a propor uma nova leitura da teoria da castração freudiana. Melanie Klein concebe a constituição psíquica da diferença sexual a partir de processos mais arcaicos do que aqueles defendidos por Freud. Para além disso, a autora propõe uma teoria que não toma o falo como referência, o que põe em evidência outras possibilidades de entender a constituição psíquica da diferença sexual.

Como veremos, Klein, substitui o falo pelo seio como referente das organizações arcaicas do psiquismo. O que nos leva a hipótese, de que é possível uma leitura metaforizante dos textos kleinianos e freudianos sobre as insígnias falo e seio. Como aprofundamento, tentaremos traçar um paralelo na teoria freudiana e kleiniana da castração. De antemão, observamos, que tanto para Klein, como para Freud, percebemos uma certa naturalização nos processos de fortalecimento do eu a partir da descrição das fantasias infantis relacionadas à maternidade e à paternidade em consonância com um arranjo heterossexual (Klein, 1932; Petot, 1992). Partimos, pois, da hipótese de que a naturalização de elementos da ordem do contingente na teoria da castração, presente na teoria freudiana e criticada por Laplanche, também se apresenta na teoria de Melanie Klein.

4

A tradução de *Faut-il Brûler Melanie Klein?* integra esta obra: Laplanche, J. (1988b). É preciso queimar Melanie Klein? In J. Laplanche. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (A. Cabral, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

A fim de desenvolver tal argumento, vamos nos amparar na leitura de Jean Laplanche (1981, 1988, 1983a, 1983b, 1998) acerca da teoria da castração freudiana e em alguns momentos em que o autor propõe uma leitura crítica da obra de Melanie Klein. Guiados pelo método de interpretação de Laplanche, sobretudo pelos critérios da revolução copernicana inacabada,⁵ julgamos possível extrair elementos importantes da teoria kleiniana para colocá-los no rol das discussões contemporâneas da clínica e da teoria psicanalítica.

O método de interpretação proposto por Laplanche visa interpretar a obra freudiana, evidenciando suas contradições, suas repetições e (por que não?) seus recalamentos:

Interpretar em psicanálise é, em primeiro lugar, dismantelar e desarticular a organização do texto manifesto, e para tanto, é necessário tratar igualmente todos os elementos desse texto sem privilegiar, por exemplo, suas coerências e abandonar suas incoerências. As incoerências, as lacunas, os enunciados ou os detalhes que parecem absurdos, os esquecimentos de proposições feitas anteriormente, os pontos de impasse, constituem, todos, matéria preciosa para a interpretação. Palmilhar a obra em todos os sentidos, em nada omitir e em privilegiar nada *a priori*, seria, para Laplanche, o equivalente da regra fundamental da análise. Essa regra metodológica toma pelo avesso as elaborações secundárias e as camuflagens das formulações conscientes e permite, assim, que outras redes de significações possam revelar-se. (Carvalho, 2017, p. 56).

Com base nessa citação, podemos delimitar melhor a nossa metodologia de releitura da teoria da castração kleiniana. Reconhecendo nossos limites, deixamos claro que entendemos o presente trabalho não como uma interpretação da obra kleiniana como um todo, mas como uma contribuição à leitura crítica dirigida à obra da autora, a partir da teoria da sedução generalizada, tal como iniciada por Laplanche (1983b).⁶

Tal percurso tem como objetivo fundamental desnaturalizar elementos presentes na teoria da castração corroborando a tese de Jean Laplanche (2006) da castração e Édipo como esquemas narrativos usados contingencialmente pelo eu para representar as excitações provocadas pelo encontro com a alteridade no processo de sedução generalizada através do qual todo humano se constitui.

5 Os critérios da revolução copernicana seriam leituras e interpretações da teoria psicanalítica comprometidas com o sexual, que tentam evidenciar os processos de tradução e metabolização do eu em torno das excitações que o outro provoca nesse sentido, assim como os corpos celestes de Copérnico o eu gravitaria em torno da primazia da alteridade que o constitui (Laplanche, J. 1992. *La révolution copernicienne inachevée*).

6 Pela extensa e relevante obra da autora, optamos por um recorte metodológico do que julgamos mais relevante a respeito da sua teoria da castração. Dessa maneira, nos debruçamos nos textos em que Melanie Klein descentraliza a primazia do falo e articula o complexo de Édipo com a posição depressiva. Tal recorte metodológico foi norteado pelo trabalho sistemático que Michel Petot (1982, 1992) realizou sobre toda a obra kleiniana.

1 A problemática da castração

Nesta seção vamos apresentar dois momentos da obra de Laplanche sobre o complexo de castração: no primeiro, a problemática que o autor dedica ao tema; no segundo, os artigos mais tardios sobre o assunto. Tal percurso será importante, pois, a partir dele, tentaremos desenvolver três argumentos centrais que serão desdobrados nos próximos tópicos: (a) a castração como processo de ligação pulsional frente a um perigo de ameaça ao eu e não ao perigo exterior; (b) a castração como um processo amplo, que vai além da temática da presença e ausência do pênis, ou seja, como um complexo de simbolizações que favorecem a elaboração de feridas narcísicas, desfragmentação do eu, separação do objeto, resoluções edípicas ao longo da infância; (c) a castração como um código tradutivo do eu para a elaboração da designação de gênero e diferença sexual.

a) A angústia de castração é herdeira de angústias mais arcaicas

Para se entender melhor nosso argumento, é preciso resgatar alguns elementos da primeira teoria da angústia de Freud. Segundo Laplanche (1998, p. 135), é importante ter em mente que Freud tenta conciliar a primeira teoria da angústia (teoria econômica: que traduz a angústia como transbordamento de energia interna que ameaça o eu) com sua segunda teoria da angústia (histórica: angústia localizada no trauma, que será responsável pelo deslizamento dos processos defensivos do eu).

Assim, se antes Freud trabalhava em um arcabouço teórico que colocava o eu como inquilino – e não senhor – da sua própria casa, na sua segunda teoria da angústia, o eu toma posse do seu (suposto) território. Com essa metáfora, nos referimos ao deslocamento freudiano, descrito em *Inibições, sintoma e ansiedade* (1926/1977), de realojar o processo da angústia como um sinal, um mecanismo de defesa do eu para se preparar para o trauma, para a ameaça externa da castração.

Aqui, então, está o nosso inesperado achado: em ambos os pacientes a força motriz da repressão era o medo da castração. As ideias contidas na ansiedade deles – a de ser mordido por um cavalo e a de ser devorado por um lobo – eram substitutos, por distorção, da ideia de serem castrados pelo pai (Freud, 1926/1977, p. 22).

Vemos aqui a teoria central das neuroses freudiana se organizar sobre as fantasias infantis do complexo de castração. Freud (1926/1977) anuncia seu novo esboço para uma teoria universal das neuroses, a qual seria a dissolução do complexo edipiano a partir da ameaça de castração. Não vamos nos delongar na teoria freudiana, mas cabe ressaltar que a castração em Freud se organiza nas bases da hipótese infantil acerca da presença e da ausência do pênis. Na teoria freudiana, o operador do recalque do Édipo seria regido pela ameaça da castração e, no caso da menina, o próprio operador do recalque seria a fantasia da consumação da castração, isto é, ter perdido o pênis.

Entendemos a importância dessa fantasia infantil para a constituição psíquica, que pode ser muitas vezes verificada na clínica. No entanto, assegurados pelas teorias de Laplanche (1988a) e Ribeiro (2000), vamos desenvolver o argumento segundo o qual essa descrição da teoria da castração de Freud suprime pontos importantes da constituição psíquica, deixando de lado ou dificultando a escuta clínica de casos que não revelam os fantasmas da castração a partir do enredo da lógica fálica (presença e ausência do pênis).

Ribeiro (2000) discorrerá sobre outros possíveis mecanismos psíquicos que acompanham o complexo de castração. Segundo o autor, além de dar ênfase ao fator biológico (castração entendida como corte do pênis real), o que mais trará perdas à teoria psicanalítica será seu “completo esquecimento da dimensão narcísica e identificatória da relação com o objeto” (p. 133). O desejo de ser castrado, de ser penetrado, de cair no afluxo pulsional do desejo de castração, é percebido no caso do Homem dos Lobos, por exemplo (Ribeiro, 2000). Ou seja, a fantasia da perda real do pênis é um encadeamento, uma organização secundária que se liga a outros afetos relacionados aos processos de identificação atrelados à constituição narcísica do sujeito.

Laplanche (1998) vai nos dizer que a “angústia de castração seria apenas o herdeiro mais ou menos dominado de angústias mais arcaicas, mais obscuras e pulsionais” (p. 234-235). O enredo edipiano, a castração como ameaça da perda do órgão, para Laplanche, estaria a serviço dos processos secundários, servindo de escoamento da angústia. Com isso, entendemos que a “angústia de perder o pênis” ou de “já tê-lo perdido” é uma ramificação das outras diversas possíveis angústias que atravessam o sujeito ao longo de sua constituição.

Assim, a castração pode ser compreendida como um emaranhado fantástico, no qual o eu se apoia para criar um enredo em que seja possível representar o excesso pulsional transformado em angústia. Além disso, vale lembrar a hipótese de Ribeiro (2000) de que não é necessária a ameaça externa para a angústia de castração, na medida em que ela, muito

raramente, se realiza de fato.⁷ Esse dado nos interessa para entendermos que a invasão, o perigo que o eu teme é sempre alimentado por uma operação psíquica, pelo pulsional que abastece a angústia.

Nas palavras de Laplanche (1998) sobre a primeira teoria da angústia de Freud, podemos entender melhor tal questão: “não é diretamente o abalo mecânico que é traumático; ele tem necessidade de um relé, que é a excitação sexual, e é esse afluxo de excitação sexual que é traumatizante para o aparelho psíquico” (p. 206). Ao perder de vista essa primeira teoria da angústia, resgatada por Laplanche, Freud torna a angústia de castração um medo real de perder o genital,⁸ no sentido de que essa representação ganha o estatuto de a-histórica, universal e sobretudo uma espécie de “marco zero” das representações pulsionais do sujeito.

Dito de outra forma, a respeito desse deslocamento freudiano, observamos com Laplanche que o problema seria não centralizar a organização psíquica na angústia de castração, mas negligenciar justamente os processos pulsionais pelos quais se funda a psicanálise, ou seja, o eu como instância defensiva contra o pulsional. A transformação da angústia em medo, por exemplo, é uma permuta pulsional para que o excesso de excitação vivido pelo eu possa ser descarregado. Na problemática da simbolização, Laplanche (1988a) chegará a esse ponto da transformação dos afetos em angústia e seu desencadeamento pelas vias associativas do aparelho psíquico.

b) A castração como processo de simbolização

Como vimos, a angústia sentida pelo eu não se refere à perda real do órgão, mas é justamente através dessa permuta da representação do afeto em fantasia de medo que o sujeito terá a possibilidade de se organizar. E para essa organização psíquica, o eu faz uso de elementos ofertados da sua realidade exterior. Isso nada mais é que os caminhos da simbolização (Laplanche, 2006). E de quais elementos da realidade exterior o eu faz uso para

7 Ademais, é pertinente a hipótese de Ribeiro (2000) a respeito do recalçamento da identificação feminina, cujos resultados são justamente os processos psíquicos do complexo de castração. Cabe ressaltar a tese de Ribeiro de que o complexo de castração só foi difundido na teoria a partir de uma importante mutilação a serviço do recalçamento da identificação feminina primária: a exclusão do desejo de ser castrado.

8 O método de Laplanche de fazer a teoria freudiana trabalhar é importante para lançar luz aos movimentos teóricos que ora privilegiam uma questão, ora a negligenciam. Como exemplo, podemos citar a genealogia que Laplanche faz da castração, na qual aponta a resistência de Freud em analisar alguns sonhos, com conteúdo claramente da temática da castração (o sonho com machado). Mas naquele momento, são analisados por Freud exclusivamente pelas vias da teoria dos sonhos de 1900 (Laplanche, 2006).

dissolução dos seus mais variados complexos, intromissões e implantações que o encontro com o outro lhe impõe?

Desenvolveremos a ideia de que a lógica fálica contingencialmente é o elemento que estrutura esse processo secundário de simbolização. Se a angústia de castração está atrelada às angústias mais arcaicas de diversas ramificações, podemos pensar que a lógica fálica – a que rege a castração a partir da presença e da ausência do pênis – entra na trama como elemento estruturante desses processos. Portanto, algo que serve de estruturação, de apoio à organização não deveria ser colocado como elemento inerente à trama pulsional. Nesse sentido, o desvio de Freud em inverter os vetores interno-externo (pulsão-castração) culmina na transcendência de processos de simbolização como “inerentes e conaturais no jogo elementar das pulsões” (Laplanche, 1998, p. 235). Para Laplanche (2006), o complexo de castração traduz o enigma provocado pela percepção da diferença sexual: “Quando dizemos que o falo tem valor simbólico é porque ele marca o corpo humano por sua presença e ausência” (p. 50). O enigma provocado pela diferença sexual favorece uma tradução binária e opositiva. Essas traduções binárias e opositivas formarão o universo simbólico ao qual o sujeito estará submetido num plano de trocas simbólicas que, ao mesmo tempo, serão os sintomas aos quais o sujeito permanecerá fixado.

A lógica binária favorece uma tradução em primeira mão, que facilita o processo de recalque. O falo como insígnia organiza uma extensa excitação experimentada pela criança na situação de passividade originária. Portanto, a castração organiza uma experiência pulsional na medida em que conta com o gênero e a diferença sexual como códigos narrativos a serviço do processo de recalque secundário.

c) Castração e Édipo como códigos narrativos e a designação do gênero

Neste tópico, pretendemos mostrar que a castração a partir da lógica fálica tem uma dupla função. Até aqui desenvolvemos que a castração freudiana é um processo de simbolização regido pela lógica fálica em que o eu se organiza frente ao ataque pulsional de diversas ramificações das angústias primárias – feridas narcísicas, separação, perda dos primeiros objetos, identificação feminina. Além disso, vamos aprofundar o argumento de que a lógica fálica também oferece não só elementos de escoamento das diversas ramificações da angústia através da fantasia de ausência e presença do pênis, mas também todo o aparato estruturante da designação do gênero.

Conforme afirmamos, as fantasias de castração freudianas (organizadas pelo mito simbólico da lógica fálica) estão a serviço de um processo de simbolização que oferece ao eu o revestimento às angústias primárias através do enredo do gênero. Partindo de Laplanche (1988a), entendemos que a diferença sexual e a designação do gênero servem de motores tradutivos aos sujeitos que se organizam a partir da lógica fálica. No entanto, essa ajuda de tradução proporcionada pelo complexo de castração se mantém no plano de formações simbólicas do eu que, longe de ser completas, se inscrevem a partir das designações comprometidas pelo inconsciente do adulto que as transmite.

[...] um pai pode designar conscientemente o gênero masculino ao filho, mas pode ter esperado uma filha ou mesmo desejar inconscientemente penetrar uma filha. É afinal, muito mal explorado esse campo da relação inconsciente dos pais com seus filhos. [...] é, pois, o sexuado e principalmente o sexual dos pais que vêm provocar ruído na designação do gênero (Laplanche, 2003a, p. 169).

Os ruídos da designação do gênero aparecem na cena analítica sob as mais variadas fantasias ambivalentes que furam o arranjo psíquico – de ser homem, ser mulher, ser heterossexual, ser homossexual, ser transexual – fazendo com que o próprio sujeito se depare com seu desconhecido. O eu, para se constituir, abriu mão de uma gama de outras representações. Por exemplo, um sujeito com pênis que se constitui homem cis heterossexual precisou passar por um longo processo psíquico para se organizar e simbolizar enquanto tal.

No entanto, esse ruído, esse desconhecido não desaparecem, isto é, quanto mais desconhecido, mais ameaçador será para o eu. O processo de recalque é justamente suprimir pontos excitáveis demais, desestruturantes, elementos que o eu não deu conta de metabolizar. É interessante notar que Laplanche (2003a) chama atenção para o caráter singular de metabolização dessas mensagens, as quais apenas a história de cada sujeito poderá revelar.

[...] afinal, nas análises, são muitas vezes em formas atenuadas que se encontram as lembranças ligadas ao complexo de castração. Atenuadas quer dizer que elas mesmas são comprometidas por aquilo que querem recalcar. Ora, o que elas querem recalcar é justamente o Sexual. O que o sexo e seu braço secular, poder-se-ia dizer, o complexo de castração, tendem a recalcar é o sexual infantil. Recalcá-lo quer dizer, precisamente, criá-lo recalçando-o (p. 171-172).

É importante perceber que Laplanche (2003a) insiste na *designação por* para os processos de identificação primária, alocando a diferença sexual no plano perceptível,

ilusório, em que estão em jogo as mensagens enigmáticas que o acompanham.⁹ Para Laplanche (2003a), “o gênero precede o sexo” (p. 168) não para uma organização biológica ou por uma invenção socialmente construída, mas ambos funcionam como motores tradutivos do sexual.

Ou seja, a célebre frase de Freud (1912) “a anatomia é o destino”,¹⁰ para a interpretação laplancheana, significa não considerar a anatomia em primeiro plano, mas justamente dizer que ela é o destino do sexual. O sexual se apoia, se apropria, da anatomia para se satisfazer. A diferença dos sexos não revela quem é homem e quem é mulher, mas oferece ferramentas através das quais os processos simbólicos e fantasísticos do eu irão se apropriar.

Para Laplanche, gênero, então, é uma tradução a serviço do recalçamento de elementos primitivos da constituição subjetiva. Portanto, não temos uma identidade fixa baseada num princípio ontológico que diz o que é ser homem ou ser mulher.

No entanto, esses caminhos teóricos que centralizaram a primazia da lógica fálica na constituição psíquica não podem ser entendidos como uma mera confusão ou sobreposição teórica. O sentido dessas teorias é justamente tamponar conteúdos primordiais latentes, dar apoio ao recalque, o que, inclusive, se mostra muito eficiente tanto pela sua transcendência quanto na teoria e na realidade do eu. Todavia, essa transcendência provoca um enclausuramento da teoria impedindo a investigação de outros elementos importantes na estruturação psíquica, revelando um moralismo teórico que não suporta ser questionado. Ribeiro (2003) explicita:

[...] a lógica fálica se transforma rapidamente numa moral fálica a partir do momento que o Falo adquire junto com o F maiúsculo a pretensa dignidade de um elemento estruturante, cujo valor supremo não comporta nenhum tipo de questionamento e cuja origem não precisa ser investigada, posto que não se trata, supostamente, de um elemento criado por vicissitudes históricas individuais ou coletivas, mas de um elemento dado, à semelhança de um dom concedido pelo capricho de alguma divindade (p. 62).

Concordando com essa passagem de Ribeiro, nossa leitura de Laplanche aponta que o erro da psicanálise seria universalizar o mito simbólico do Édipo e indexá-lo na formação

9 J. Laplanche (2003a) enfatiza o uso do termo *designação* para discorrer dos processos de constituição das identidades de gênero: “A *designação* é um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno. Podemos falar de uma descrição contínua de uma verdadeira *prescrição*” (p. 166-167).

10 Freud, S. (2006). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (J. Salomão, Trad.). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 11, pp. 181-195). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1912). Esta frase está no antepenúltimo parágrafo do texto (p. 195).

psicossexual. Essa posição teórica, contra a qual nos posicionamos, permite aproximações com proposições que colocam a diferença sexual ou as construções de gênero em um plano estrutural essencialista da formação do inconsciente.¹¹

Com isso, torna-se pertinente ampliarmos a teoria da castração tendo em vista esses elementos. Segundo Laplanche (2003b), “a psicanálise não deve baixar os braços quando se trata de dar conta da intervenção do mito simbólico na constituição do aparelho psíquico humano, e mais precisamente no que dele é o motor fundamental, o modelo ‘tradutivo’” (p. 202).

Concluimos que a transcendência do falo na teoria do complexo de castração e a naturalização do binarismo de gênero enrijecem a teoria psicanalítica no plano normativo do contingente, negligenciando o próprio aspecto pulsional, avesso a qualquer conteúdo inato, do inconsciente. Cabe aqui ressaltar a importância de entendermos o complexo de castração como um processo amplo de simbolização do eu, que, embora seja contingencialmente estruturado pelos elementos fornecidos pela lógica fálica, está sempre ameaçado pelos ruídos da designação do gênero. Na tentativa de entender a castração além da lógica fálica, e, assim, termos mais elementos teóricos para trabalhar a constituição psíquica da diferença sexual, julgamos necessário visitar a obra de uma das primeiras autoras a fazer essa tentativa.

2 Melanie Klein e o complexo de castração

É importante começarmos dizendo que a teoria kleiniana da castração toma rumos diferentes da teoria de Freud. Klein substitui o falo pelo seio, ampliando os destinos das pulsões. Para além do enredo fálico, ela investiga as raízes do complexo de castração a partir de mecanismos arcaicos de projeção.¹² Para a autora, a castração temida pelo desejo incestuoso do complexo de Édipo, como descrita por Freud, é o resultado da elaboração de vários processos psíquicos anteriores. Klein delimita a angústia da castração, típica do Édipo

11 Vale lembrar que Laplanche (1992b), em *La révolution copernicienne inachevée*, esclarece o realismo do inconsciente e suas formações de sentido fechadas em si mesmo. O inconsciente não obedece a uma estrutura ou a um plano de comunicação. Os elementos recalçados são subtraídos de qualquer intenção de comunicação.

12 Em seus primeiros relatos clínicos, Klein já interpreta as ansiedades da castração no relato clínico de Erich, a partir do mecanismo da projeção e não pela culpa ao desejo incestuoso, como diria Freud, mas pelo medo de ser atacado porque atacou também em suas fantasias inconscientes (Petot, 1987, p. 28).

tardio freudiano, como decorrente da angústia projetiva proveniente desde os primórdios do psiquismo.

Para Klein (1928/1996), as frustrações sofridas nos períodos arcaicos (primeiros meses de vida) formarão as primeiras imagos más, impulsionando o sadismo do superego arcaico. Segundo a autora, “as frustrações orais e anais, que formam o protótipo de todas as frustrações posteriores para o resto da vida, ao mesmo tempo significam punição e dão origem à ansiedade” (p. 217).

Essa gênese projetiva da angústia acarreta um ciclo vicioso de atacar e medo de ser atacado. A frustração ganha um estatuto central em sua teoria. Para ela, os grandes norteadores da constituição psíquica serão os mecanismos de representação psíquica da frustração e de gratificação dos primeiros meses de vida. A frustração, portanto, está ligada à representação psíquica de privação. A equação “eu não tenho porque você não me deu” é o imperativo do sadismo arcaico, protagonista nos primeiros meses de vida.

A ansiedade persecutória é um mecanismo do eu para representar o mal-estar sofrido pela frustração. Para Klein (1928/1996), a ansiedade só ganha o aspecto persecutório porque também nesse período inicial há a predominância das pulsões destrutivas, do sadismo arcaico, sem continência ainda, devido à imaturidade do eu nesse período.

Dessa maneira, a gênese da angústia em Klein é a ansiedade persecutória de ser punido pelas fantasias de ataque ao seio. O eu, na concepção kleiniana, luta exaustivamente, desde o início, para dar conta da invasão pulsional destrutiva que o invade. Para Klein, não só a luta do eu contra o sadismo arcaico se dá desde os primórdios, como também ambos são constitucionais.¹³

A sensação de privação e ansiedade persecutória eleva as fantasias de punição, gerando mais angústia. Para Klein (1928/1996), “em ambos os sexos o complexo de castração é acentuado por essa sensação de ignorância e frustração” (p. 218). Podemos pensar que o medo de castração, para a autora, está ligado à frustração do “não saber”, na qual o eu se depara com um enigma a respeito do outro. Vale lembrar que a frustração é sentida como privação, é o primeiro recurso contra ela as fantasias sádicas. Assim, se instaura o ciclo vicioso do atacar e ser atacado, repleto de angústia por causa do medo de retaliação.

Nessas ansiedades arcaicas ligadas ao ciclo das pulsões destrutivas regidas pela lei de Talião operariam as inibições e as defesas mais arcaicas e desfragmentadoras do eu. A esse

13

Não concordamos com o inatismo presente na teoria kleiniana. A partir de Laplanche entendemos que o eu se constitui como processo de síntese, de simbolização ao ataque pulsional. Portanto, é algo constituído e não constituinte.

conjunto de operações psíquicas Klein (1945/1996) chamou de “mecanismos esquizoparanoides”. A entrada na posição depressiva (o cessar do ciclo esquizoparanoide), tanto para a menina quanto para o menino, mostra o sucesso do eu em lidar com essas primeiras ansiedades arcaicas: “ambos os casos¹⁴ têm bastantes características em comum, como a presença de fortes impulsos sádico-orais, um excesso de culpa e ansiedade, e uma baixa capacidade do ego em tolerar tensões de qualquer tipo” (p. 451).

Podemos entender que, para Klein, desde o nascimento, o eu é uma instância ativa que reage como pode aos estímulos externos e às pulsões (Petot, 1992). A falta de coesão inicial do eu seria responsável pela cisão inicial das imagos introjetadas a partir das frustrações e das gratificações que ele sofre. Esses conflitos internos se revezariam entre ataques e medo de ser atacado pela mãe (causadora da primeira frustração) e pelo pai (causador da segunda decepção). Esse movimento pendular de ódio e depois de culpa seria a base primária das identificações femininas e masculinas, iniciando os conflitos do Édipo positivo e invertido. É justamente neste ponto que o caminho para a elaboração das ansiedades arcaicas tomará rumos diferentes para a menina e para o menino.

Tais caminhos são descritos de formas diferentes ao longo da teoria. Mas, de maneira geral, podemos observar as divergências encontradas entre os primeiros e os últimos textos de Klein, por ocorrer uma lenta e gradual independência do seu texto em relação à teoria de Freud. Em todo caso, Klein (1945/1996) acaba elegendo o Édipo como uma importante consequência dos processos de reparação, e não dos processos de agressividade, como disse em 1932/1997. Para Klein, a reparação é desencadeada pela culpa que domina o bebê, levando-o a “anular o efeito de seus impulsos sádicos através de meios libidinais” (p. 454).

Assim, o Édipo e o complexo de castração freudiano passam a ser uma importante ponte para que o sujeito se consolide na posição depressiva. No entanto, eles perdem seu caráter central.¹⁵ A centralidade da organização psíquica para Klein (1945/1996), sem dúvida, se dá a partir da superação dos mecanismos persecutórios através dos mecanismos de reparação e gratificação. A gênese projetiva da castração influenciará também os processos de reparação e organização mais elaborada da libido: “A culpa que gera a pulsão de reparação também inibe os desejos libidinais. Quando a criança sente que sua agressividade é o fator

14 Os casos se referem às descrições clínicas de Richard e Rita, estudados por Klein para ilustração dos estágios iniciais do complexo de Édipo em ambos os sexos (Klein, 1945/1996, p. 451).

15 Isso corrobora a tese de Laplanche da castração e Édipo como esquemas narrativos entre o rol das elaborações secundárias, como tratamos anteriormente.

predominante, ela vê seus desejos libidinais como um perigo para seus objetos amados – como algo, portanto, que deve ser reprimido” (p. 455).

Dessa maneira, Klein faz importantes considerações a respeito da castração sem o uso da teoria fálica, instaurando o seio como norteador das frustrações e das gratificações sentidas pelo bebê. A castração como angústia decorrente do medo de retaliação está presente em ambos os sexos. Por sua vez, o medo de retaliação se transforma em culpa pelo desejo incestuoso. Ou seja, para Klein, os desejos incestuosos oriundos da trama edipiana descritos pela teoria freudiana são alcançados pelo eu somente se ele conseguir a integração das imagos parciais e o reconhecimento das dimensões do eu e do outro.

Dito isso, a partir da gênese projetiva da castração, podemos observar o movimento copernicano de Klein ao propor uma teoria que acompanha os processos psíquicos desde o recalque originário, atribuindo processos contínuos de elaboração e tradução do eu, que dependerão de uma organização libidinal singular.

Situar as bases da angústia da castração numa gênese projetiva é evidenciar mais uma de suas possíveis ramificações, colocando-a no rol do complexo fantasístico do qual o eu lança mão para construir respostas aos impasses que o encontro com a alteridade evoca. Podemos concluir que a gênese projetiva da castração e sua elaboração a partir de vários mecanismos reparadores (inclusive o atravessamento do Édipo) descrita por Melanie Klein corrobora a tese de Laplanche de que o complexo de castração é um processo de simbolização que organiza o eu através de seus processos de tradução do enigma que a alteridade provoca. No entanto, assim como Freud, Klein lança mão da transcendência de alguns conceitos, como veremos a seguir.

2.1 Os extravios kleinianos no complexo de castração: o realismo anatômico

É importante dizer que Klein (1935/1997a) não se refere ao falo, e sim ao pênis. Além disso, dedica ao seio o caráter simbólico ampliado que o falo ganha na teoria freudiana. A fantasia da criança seria, então, recorrer ao pai pela fantasia de que ele ganha o seio porque dá seu pênis para a mãe. Isso é o núcleo das fantasias sexuais arcaicas e que desperta a inveja e o ódio em ambos os sexos.

O elemento inicial desse processo recebe o nome de “fase de feminilidade”, a qual já é apontada nos primeiros textos de Klein (1928/1996) e trata-se de “uma identificação muito

inicial com a mãe” (p. 218) sobre a qual serão organizadas as primeiras fantasias genitais da criança.¹⁶ A fase de feminilidade seria comum a ambos os sexos, mas cada qual com suas especificidades:

O menino teme ser punido pela destruição do corpo da mãe, mas além disso seu medo também tem um caráter mais geral – nesse ponto é possível estabelecer uma analogia com a ansiedade ligada aos *desejos* de castração da menina. Ele tem medo de que seu corpo seja mutilado e desmembrado, e esse pavor também significa a castração. Aqui temos uma contribuição direta para o complexo de castração. Nesse período de desenvolvimento a mãe que toma as fezes do menino também representa uma mãe que o desmembra e castra. Não é apenas através das frustrações anais impostas à criança que a mãe abre caminho para o complexo de castração: em termos de realidade psíquica, ela já é *o castrador* (Klein, 1945/1996, p. 219-220, grifos da autora).

Nessa passagem, fica clara a gênese projetiva da castração e, além dela, o caráter fantasístico, que compõe o complexo de castração no menino. O primeiro castrador não seria o pai por causa dos desejos incestuosos direcionados à mãe. Mas seria a mãe má, que priva o menino daquilo que ele deseja. Para a superação dessa fase, ocorreria, segundo Klein, a identificação com o pênis do pai, que suplantaria a fase de feminilidade, invertendo o desejo de ter filhos para o desejo de oferecer filhos à mãe.

Por outro lado, a especificidade da menina nesse contexto seria a ameaça de ter sua feminilidade danificada pela mãe persecutória, oriunda das primeiras introjeções arcaicas, e nesse momento a identificação ocorrerá novamente com a mãe. É como se a menina ficasse sempre mais perto das ansiedades arcaicas, e o menino pudesse, através da identificação corporal com o pai, se distanciar dos primeiros estágios psíquicos descritos anteriormente como os precursores das ansiedades persecutórias.

Até aqui pudemos ver, seja nas proposições iniciais, seja nos textos mais tardios, que o complexo de castração, segundo Klein, é uma ampla organização psíquica em que o que está em jogo é a superação ou não das ansiedades arcaicas vindas das fantasias de retaliação. Para Klein, as fases sádico-oral e sádico-anal são as primeiras tentativas do eu de organizar as pulsões destrutivas e as ansiedades arcaicas, ou seja, são experiências fortemente marcadas pelo sadismo, pela desfragmentação e pela invasão das pulsões ao eu.

16

São inegáveis as semelhanças dessa argumentação kleiniana com a tese da identificação feminina primária de Ribeiro (2000). No entanto, tais teorias se distanciam no modo de conduzir tal fenômeno psíquico. Klein acredita que o eu apenas “lida” com essa primeira identificação, ou seja, a mãe é o primeiro palco de um eu ainda frágil mas já existente. Já a perspectiva de Ribeiro, em consonância com a teoria laplancheana, é mais radical ao conceber que o eu é justamente constituído e fundado por esse primeiro encontro com a mãe.

Em seguida, ela chamará de fase genital¹⁷ aquelas experiências psíquicas mais integradoras. Trata-se de uma fase em que há a representação de sensações mais complexas no desenvolvimento infantil, nas quais, por excelência, se encontra a organização das fantasias infantis do complexo de Édipo freudiano. Ou seja, a desfragmentação decorrente das pulsões destrutivas e ainda não representadas nas fases sádico-oral e sádico-anal é integrada na fase genital como desejos libidinais do eu. Trata-se de uma nova organização que garante ao eu a entrada em novas formulações e representações libidinais. Para o menino e para a menina já haveria, segundo Klein (1928/1996), uma diferença nessas formulações psíquicas:

O menino, quando se vê impelido a trocar a posição oral e anal pela genital, passa a ter o objetivo da penetração associada à posse do pênis. Assim, ele muda não só sua posição libidinal mas também seu objetivo, o que permite que mantenha o objeto amoroso original. No caso da menina, por outro lado, o objetivo receptivo passa da posição oral para a genital: ela muda sua posição libidinal, mas mantém o mesmo objetivo. Desse modo, a menina desenvolve a receptividade para o pênis e se volta para o pai como objeto amoroso (p. 216).

Aqui vemos a autora apresentar explicitamente o enredo edipiano que teria, segundo ela, suas bases nas disposições anatômicas. O contorno dado aos desejos, às angústias, às repressões da fase genital será o complexo de Édipo. Para Melanie Klein (1928/1996), o complexo de Édipo seria já uma organização psíquica bastante elaborada, mas que ainda precisa de sua superação e dissolução. Para a autora, a dissolução do complexo de Édipo tanto para a menina quanto para o menino seria a superação da angústia de ter tido suas capacidades reparadoras danificadas pela mãe retaliadora ou pelo pai mau.

Como se daria a superação dessa angústia? Para Klein (1945/1996), o medo de castração infantil tem sua origem na projeção de que será punido através de ataques de retaliação das imagos más.

No caso do menino:

A crença do menino na qualidade produtiva e reparadora de seu próprio órgão genital é reduzida; ele sente que seus próprios impulsos agressivos foram reforçados e que a relação sexual com a mãe seria cruel e destrutiva (p. 456-457).

No caso da menina, haveria ainda mais ansiedade na superação da angústia de castração:

17 Klein (1945/1996) justifica sua preferência pela expressão “fase genital”: “a meu ver, bebês de ambos de sexos possuem desejos genitais voltados para a mãe e para o pai e têm um conhecimento inconsciente tanto da vagina quanto do pênis. Por isso, o termo “fase genital”, empregado anteriormente por Freud, parece-me mais adequado que o conceito posterior de fase fálica” (p. 461).

A menina pequena – ao contrário do menino, cuja esperança de se tornar potente um dia ganha força com a posse de um pênis que pode ser comparado ao do pai – não tem como se assegurar de sua futura fertilidade (p. 458).

A partir dessas citações, podemos entender que os processos psíquicos que organizam a angústia de castração para Klein se baseiam num amplo conjunto de mecanismos integradores e de reparação ao objeto. Para Klein, assim como para Laplanche, o complexo de castração regido pela lógica fálica serve de apoio para o eu simbolizar suas angústias arcaicas. No entanto, diferentemente de Laplanche, como veremos na discussão a seguir, Klein ainda recorre a uma explicação das fantasias sexuais infantis, baseadas numa rígida e estereotipada narrativa dos papéis do homem e dos papéis da mulher.

Para um desenvolvimento normal, segundo Klein (1945/1996), o menino deverá sublimar os conteúdos da sua fase de feminilidade através das fantasias edípicas “de dar gratificação e filhos à mãe” (p. 457).

À semelhança disso,

[...] quanto mais diminuem a ansiedade e a culpa que a menina sente e quanto mais entra em primeiro plano o estágio genital, mais facilidade tem ela de reconhecer o papel feminino da mãe, ou melhor, devolvê-lo à mãe e, ao mesmo tempo, assumir ela própria um papel semelhante e sublimar seus componentes masculinos (Klein, 1932/1997a, p. 239).

Discutiremos mais adiante os problemas de eleger como “normais” ou mais elaborados os processos de reparação que fixam os sujeitos no plano dos papéis sociais hegemônicos de homem e de mulher. Outros arranjos e possibilidades de mecanismos integradores e de reparação também não são legítimos? E quais seriam eles? Na próxima seção tentaremos responder tais perguntas.

Para finalizar, é importante citar uma das principais contribuições kleinianas para a ampliação da teoria do complexo de castração em um de seus textos iniciais:

Assim como no complexo de castração das meninas, no complexo de feminilidade dos meninos *há no fundo o desejo frustrado de possuir um órgão especial*. As tendências de roubar e destruir estão ligadas aos órgãos de fecundação, gravidez e parto que o menino presume existirem na mãe, assim como à vagina e aos seios, a fonte do leite, cobiçados como órgãos de receptividade e fartura desde o tempo em que a posição libidinal é puramente oral (Klein, 1928/1996, p. 219, grifo nosso).

Aqui, nessa passagem de um dos primeiros textos de Klein, já podemos observar suas primeiras formulações de um conceito que ganharia destaque nos seus textos posteriores. O conceito de inveja, que inaugura uma nova forma de entender as diversas representações psíquicas do sujeito, tem a ver com o furo na fantasia de onipotência infantil, o qual o coloca no plano da falta e do desejo que o constitui. Para Klein, a inveja seria uma organização psíquica arcaica que dá contorno a tudo que mostra ao sujeito aquilo que o eu não tem. Não ter algo que o outro tem é ser lembrado do furo na fantasia de plenitude e, conseqüentemente, sentir o despertar das fantasias da voracidade, de estar em fusão com uma gratificação infinita e idealizada com o seio.

Dessa maneira, podemos ver que o desejo frustrado de possuir um órgão especial – derivação do desejo daquilo que é inalcançável; da ferida narcísica que funda o ideal do eu – é comum a ambos os sexos, e cada qual tem seus desdobramentos a partir das designações de gênero que permeiam e constroem as fantasias sexuais infantis. A questão se trata de entender os processos de simbolização, construção e tradução do eu e delimitá-los como apoio fundamental no processo de constituição do sujeito. Mas quando tais descrições viram conceitos naturalizados na teoria – como vimos na teoria da castração freudiana e kleiniana –, corremos um grande risco de invisibilizar os ruídos do sexual na escuta psicanalítica.

3 Discussão

Como vimos, para Klein (1928/1996), a castração tem sua gênese na projeção, e os seus estágios do Édipo tardio (freudiano) são oriundos da inscrição da posição depressiva (mecanismos reparadores). Para a autora, esse período oral e anal-sádico é comum a ambos os sexos, impulsionando toda a deflação das pulsões destrutivas dirigidas ao corpo da mãe e ao corpo do pai. E o que daria a especificidade a cada sexo seriam os desdobramentos desses mecanismos de projeção e introjeção dos elementos característicos.

Vejamos nas palavras de Klein (1928/1996):

A ansiedade de castração em torno do pênis, que existe *de forma visível* no menino, segue um curso diferente; ela pode ser considerada mais *aguda* do que a ansiedade mais crônica da menina a respeito dos seus órgãos internos, com os quais necessariamente tem menos familiaridade (p. 224, grifos da autora).

Ou seja, a superação da angústia de castração na sua elaboração mais avançada é construída, segundo Klein, a partir da constatação de que os atributos reprodutivos estão intactos. Desde o começo da teoria kleiniana, podemos ver uma reorganização independente e cada vez mais explícita da teoria da castração freudiana. A organização libidinal genital, que insere o sujeito na trama edípica, segundo Klein, é organizada pelo desejo de reparar os ataques feitos à mãe e ao pai (sanando a culpa) e verificar se não foi danificado pelo objeto (garantia de que não foi castrado, de que possui capacidades de reparar, gratificar o objeto).

As supostas garantias de atravessar as fantasias sexuais e de castração, tanto para a menina quanto para o menino, seriam realmente oferecidas a partir de um teste de realidade? Os processos de identificação, as designações assimétricas emitidas pelos adultos não determinariam o teste de realidade?

Certamente, Klein não estava preocupada com essa separação nem concordaria com a nossa leitura de sua teoria. E tampouco é nosso objetivo apresentar tais citações dos textos kleinianos de maneira anacrônica, tentando colocar Klein na fogueira. Já é bastante sabido que, os kleinianos de hoje reatualizaram tais passagens problemáticas do texto kleiniano, e que hoje em dia o furor interpretativo kleiniano ganhou contornos condizíveis com os avanços da psicanálise contemporânea. Sabe-se também, que para a psicanálise em geral, a realidade anatômica é a base para primeiras traduções psíquicas, ou seja, é o biológico é só o ponto de partida, longe de ser o ponto final em trâmites psíquicos.

Para Klein, o menino garante um teste de realidade eficaz a respeito da castração, diferentemente da menina, que vive com a ansiedade de não “ver” seus órgãos. Ora, o teste de realidade não pressupõe toda uma fantasmática em torno do “ser atacada porque ataquei”? Como um teste de realidade com o órgão real garante a elaboração de uma fantasia projetiva de cunho persecutório? Vemos aqui que Klein, embora seja a autora que mais investiga o mundo interno, também extravvia sua teoria a uma redução unilateral da percepção visível dos sexos.

No entanto, concordamos com Ribeiro Cintra & Ribeiro (2018), que de fato há uma inovação na teoria kleiniana, no que tange à inovação de uma explicação psicanalítica da sexualidade feminina. Uma teoria que não trata a mulher ou seus atributos anatômicos na esteira dos signos negativados do castrado, do não-todo. “A característica receptiva do órgão sexual feminino passa a ser vista; ou seja, a experiência corporal entre meninos e meninas torna-se objeto de reflexão nos textos kleinianos” (p. 100). Contudo, mesmo com o devido reconhecimento às inovações de Melanie Klein, é necessário fazer uma releitura mais atenta da sua teoria da constituição da diferença sexual, para que não se repita a reprodução de

essencialismos sobre o amplo processo de identificações contingentes em que as designações de gêneros estão envolvidas.

A partir de nossa leitura da teoria de Klein, podemos perceber que a castração narrada pela lógica fálica ou pela lógica do seio só faz sentido se levada como processo secundário, que é uma das ramificações possíveis aos arranjos pulsionais. Se houve, em Freud, a tentativa de criar um complexo central para as neuroses, em Klein, vemos a transcendência dos campos opositivos, privilegiando o campo binário dos gêneros a partir dos testes de realidade da anatomia impregnados das construções de gênero. Vejamos, com Laplanche (1992b), como essa tentativa de criar uma teoria universal prejudica nosso entendimento sobre a complexidade do ser humano:

Encontra-se aqui a tentação construtivista dos kleinianos, que não é mais do que uma forma de hegemonismo psicanalítico, de tender (uma vez mais) a converter a psicanálise em psicologia universal. A bem dizer, estes pares opostos são mais interessantes que o uso dogmático que deles se pode fazer. Há que interpretá-los, fazê-los trabalhar, mostrar que, por detrás do seu caráter mecânico, se joga uma dialética (p. 472).

A questão é: por que não investigar outras vias de simbolização da perda e da ausência que não passem necessariamente pelo pênis ou pelo seio? Sabemos que tais conceituações nos oferecem conteúdos para entender as experiências psíquicas em que o eu tenta lidar com as frustrações do desmame, do treino à higiene, da ausência do outro, enfim, tudo que represente uma ferida narcísica ao plano do eu ideal. As formas de simbolizá-las não estão prontas, por isso não há como ter um manual descritivo de tais processos. Obviamente a tentativa de descrevê-los é válida para contribuições na clínica, mas há que se cuidar para não naturalizá-los ou enrijecer a teoria.

Cabe ainda lembrar que Klein (1932/1997a) não exclui totalmente a lógica fálica de sua teoria. Para ela haveria um agravamento maior no caso da menina pelo seguinte fato:

[...] enquanto o menino de fato possui o pênis, a partir do qual entra numa rivalidade com o pai, a menina tem apenas o desejo insaciado de ser mãe – a respeito do qual, tem apenas uma noção vaga e incerta, ainda que muito intensa. Não é apenas essa incerteza que perturba sua esperança de um dia ser mãe. Ela é muito mais enfraquecida pela ansiedade e o sentimento de culpa, que podem danificar séria e permanentemente a capacidade materna da mulher (p. 223-224).

Consideramos importante esse dado porque, assim como Klein, concordamos que a fantasia de ter ou não ter o pênis pode influenciar a organização psíquica da criança, como descrito por Freud. O ponto é que tal organização é fruto de vários processos psíquicos

anteriores, como acaba de descrever Klein. Devemos dizer também que, diferentemente de Klein, não acreditamos que o único organizador das fantasias sexuais infantis se baseia em desejar ter filhos ou não. Dessa maneira, tanto Freud quanto Klein nos dão notícias de modos diferentes de, que a cada escuta e observação clínica, pode-se ouvir um emaranhado de fantasias. Alguns sujeitos são mais fixados na fase chamada por Klein de fase de feminilidade, outros mais fixados nos processos ordenados pela lógica fálica, e outros ainda não obedecerão a tais descrições, apresentando outros conteúdos recalçados.

Se, para Freud, a referência é o pênis, para Klein, a referência é o seio. Logo, com Laplanche, podemos perceber nas duas teorias a transcendência dos esquemas narrativos e do mito simbólico. Fazendo um paralelo entre a teoria freudiana e a kleiniana, podemos pensar que ambas formulam uma simbolização que constitui o eu oferecendo a possibilidade de lidar com o pulsional.

No caso da teoria da castração freudiana, vemos uma descrição teórica que privilegia a formação do núcleo da neurose a partir das considerações do sujeito sobre a diferença sexual e sobre a ameaça ou a constatação da perda do pênis. Há uma marcação da anatomia como ordenamento: o pênis como insígnia que não só confere a dissolução do complexo de Édipo, mas também insere o sujeito no plano simbólico do castrado e do não castrado.

Já no caso da teoria kleiniana, temos a descrição teórica que privilegia a situação originária da relação com o outro. O corpo da mãe é o palco das projeções e das introjeções psíquicas e é a partir dessa relação que se estabelece o ciclo persecutório. O outro que causa frustração é mau, e o que causa prazer é bom. Há uma operação psíquica arcaica na teoria kleiniana (com as ressalvas ao seu inatismo) que privilegia a tradução do eu aos primeiros contatos com o outro.

No entanto, Klein (1945/1996) também cola “mulher” com “posição feminina” e “homem” com “posição masculina”, ambos intimamente vinculados à heterossexualidade como processos universais do sujeito; a posição feminina é identificada à passividade devido à receptividade da vagina, e o masculino identificado à atividade pela característica externa e ereta do pênis.

No bebê do sexo masculino, sensações genitais são a base da expectativa de que o pai possua um pênis, que o menino deseja de acordo com a equação “seio = pênis”. Ao mesmo tempo, suas sensações e impulsos genitais também implicam busca de uma abertura onde inserir o pênis, i.e., estão voltados para a mãe. Do mesmo modo, as sensações genitais do bebê do sexo feminino são um preparatório para o desejo de receber o pênis do pai dentro da vagina (p. 454).

Vale deixar claro, se insistimos em voltar na letra kleiniana, é por justamente, ainda perceber o quão frutífero o retorno a Klein pode ser. Até mesmo na estereotopia de algumas passagens é possível escutar a contribuição clínica que tal passagem nos traz. Não é por excelência, do método analítico, que aprendemos a escutar o que em primeira mão nos parece absurdo? Ancorados nessa perspectiva, podemos pensar que o movimento de Klein se assemelha ao de Freud. Freud investiga a castração do Édipo tardio e negligencia seus estágios precedentes, e Klein, por sua vez, investiga os processos arcaicos da castração naturalizando as especificidades da menina e do menino, que ela mesma descreve como secundárias. O que podemos escutar desse movimento?

Percebemos que, para Klein e Freud, a anatomia não se trata de um apoio às fantasias infantis, não só isso, a anatomia é determinante na construção dessas fantasias. O pênis é penetrante e a vagina receptiva: a partir dessas disposições anatômicas são colocados os papéis de gênero e suas respectivas funções. Concordamos com Laplanche que tais disposições são o palco das impressões, das designações, das mensagens enigmáticas emitidas pelo adulto. O plano simbólico no qual o sujeito está inserido delimitará se o pênis é penetrante e se a vagina é receptiva; os significados de tais acepções são de origem fantasmática e ilusória do eu.

No plano sócio-histórico, em que estamos inseridos atualmente (e Freud e Klein também, de maneira ainda mais rígida), esse jogo binário opositivo do sistema sexo-gênero¹⁸ é transposto sem dúvida para as constituições do sujeito. No entanto, é preciso situar tais construções como fantasias, como simbolizações nunca predeterminadas. Na teoria kleiniana, há uma enorme tentativa de naturalizar o sistema sexo-gênero, além da tentativa de universalizar as simbolizações dicotômicas do seio mau e do seio bom.

Laplanche (1992b) chama atenção para isso:

[...] qual é o bem para o qual apontamos? É o bem do Eu? E unicamente do Eu? Aqui, de novo, um mínimo de pensamento dialético seria indispensável para mostrar como “bom” e “mau” não são, simplesmente, produtos de um *splitting* absoluto, mas sim como giram um em torno do outro conforme a posição do sujeito e conforme a sua adesão mais ou menos absoluta à meta do Eu (p. 473).

A dialética que precisa ser mantida é a da historicização de cada sujeito e sua metabolização a esse sistema sexo-gênero que será transmitido a ele por uma incessante

18

Conceito de Gale Rubin (“The traffic in women: notes on the ‘Political Economy’ of sex”). In: R. Reiter (Ed.). *Toward an anthropology of women*; “Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality”. In: C. Vance (Ed.). *Pleasure and danger*.

designação por. A designação provenientes de um tipo de “mito simbólico”, que diz que o pênis representa o falo ou, segundo Klein, as fantasmáticas que compõem o “teste de realidade” não brotam do sujeito e quem as transmite não tem controle total delas.

O mito simbólico do falo (Freud) ou do seio (Klein), que serve de apoio ao recalque, é da ordem de uma prescrição constante oferecida pelo *socius*. Chamamos atenção para o movimento de transcendência dos mitos simbólicos a partir dos quais muitas vezes a teoria é impedida de avançar ou observar outros operadores do recalque. Laplanche nos mostra que os mitos simbólicos (complexo de castração, complexo de Édipo, lógica fálica, lógica do seio) são operadores do recalque, portanto são móveis, localizados no plano histórico-libidinal de cada sujeito.

A transcendência do mito simbólico do seio na teoria kleiniana irá naturalizar a posição feminina e a posição masculina. Klein (1945/1996) descreve a *designação por* do papel da maternidade da mulher: receber um pênis para gerar um bebê.

Esses desejos genitais implicam a vontade de receber filhos do pai, que também é corroborada pela equação “pênis=criança”. O desejo feminino de internalizar o pênis e receber um filho do pai sempre precede o desejo de possuir o seu próprio pênis. Apesar de concordar com Freud a respeito da proeminência do medo da perda do amor e da morte da mãe entre as ansiedades da menina, acredito que o temor de ter o corpo atacado e os objetos amados internos destruídos contribui de forma fundamental para sua principal situação de ansiedade (p. 463).

E na mesma esteira, o papel do menino de prover os filhos, em se inserir no campo do valor destacado do falo é regido pelo desejo da paternidade. As atividades de integração e organização da libido por ela descritas como fase genital e não fase fálica, como diz Freud, são atingidas quando os sujeitos assumem sua posição de gênero baseada na matriz heterossexual.

Como vimos, a castração, para o menino, tem um caminho mais eficaz pelo teste de realidade. A teoria de Klein não estaria a serviço do recalque de tantas outras fantasmáticas (ser penetrado, ter filhos, ser passivo, ter uma vagina, não saber se dentro de mim há um útero) ligadas à gênese projetiva da castração? Enfim, toda essa fantasmática colocada na fase de feminilidade simplesmente desaparece a partir do teste de realidade? Podemos encontrar, inclusive no texto kleiniano, uma descrição extensa sobre os caminhos que o eu precisa percorrer para alcançar os processos reparadores da posição depressiva.

Como diria Ribeiro (2000), “ter um bebê com a mamãe ou como a mamãe?” (p. 153). Podemos pensar que o apoio ao recalque é justamente dicotomizar os conteúdos do sexual, transformando-os em indagação binária. As designações de gênero oferecem os elementos

dessa indagação de ter um bebê *com* ou *como* o outro. No entanto, os ruídos do recalçamento sempre ameaçarão essa tradução capenga do eu. Todo esse emaranhado é da ordem de metabolizações, de ramificações infinitas, a partir da historicização e “roteiros imaginários” de cada sujeito (Cintra & Ribeiro, 2018, p. 45). Ao que nos parece, esquecer disso e explicar apenas o que nos parece ‘visível’ é justamente esquecer a missão primordial da psicanálise: investigar os mecanismos perversos polimorfos da pulsão.

Considerações finais

Por fim, após o resgate da teoria da castração kleiniana, pudemos verificar a tese de Laplanche de que o complexo de castração se trata de um código narrativo do eu, que oferece o revestimento às angústias mais arcaicas e, ao mesmo tempo, as designações do gênero e da diferença sexual. A gênese projetiva da castração descrita por Klein nos dá notícia de mais uma ramificação dos processos psíquicos do eu para se defender do pulsional. Klein descentraliza o Édipo e a castração freudiana, colocando-os no plano dos processos mais elaborados, reparadores, integradores do eu.

No entanto, assim como Freud com a simbólica do falo, Klein transcende conceitos teóricos como a questão simbólica do seio, dando-lhes um caráter atemporal e universal, enrijecendo, assim, sua teoria. Acreditamos que entender a constituição psíquica dos sexos como um processo de simbolização possibilita uma escuta mais atenta e flexível na clínica, o que impede uma hierarquia sobre os arranjos libidinais, como no caso da teoria kleiniana, que naturaliza os processos da maternidade e paternidade dentro da matriz heterossexual como ápices da maturação psíquica.

No entanto, cabe ressaltar que tanto Freud quanto Melanie Klein trouxeram grandes contribuições para o tema aqui debatido dentro da época em que estavam inseridos. E Klein é ainda mais inovadora com a descentralização da lógica fálica. Dessa maneira, cabe à pesquisa psicanalítica atual propor novas revisões e avanços teóricos condizentes com a clínica contemporânea. Por exemplo, haveria hoje novas formas de estruturação simbólica que não passam pelo enredo fálico? Para tanto, são necessários mais esforços como o deste trabalho, que coloquem o kleinismo a trabalho, visto a riqueza clínica e teórica dessa teoria. Como disse Laplanche (1983), não é preciso queimar Melanie Klein, tampouco sermos adeptos do kleinismo absoluto. É preciso fazê-lo trabalhar.

Tal posicionamento está ancorado na revolução copernicana inacabada defendida por Laplanche, que concebe a psicanálise como dispositivo clínico e político de investigação do processo de sedução generalizada que constitui o ser humano. A partir da sedução generalizada, entendemos que as mensagens metabolizadas pelo aparelho psíquico estão ancoradas na força gravitacional produzida pelo outro, sempre em tom enigmático e excitante. As traduções como os códigos narrativos do complexo de castração, que dão apoio ao recalque, são elementos oferecidos pelas designações e prescrições constantes infligidas pela historicização de cada sujeito, portanto são contingenciais e móveis.

Nesse sentido, é importante, tanto para a prática clínica quanto para a teoria, delimitar o complexo de castração e suas ramificações das designações da diferença sexual, como processo secundário da angústia, afastando-o de qualquer tentativa de transcendê-lo ou tomá-lo como algo natural e universal, permitindo, assim, uma clínica mais atenta à diversidade de arranjos pulsionais, que sempre estarão comprometidos com a tradução das excitações pulsionais provocadas pelo encontro com o outro.

Referências

- Bleichmar, S. (2011). *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires. Paidós.
- Butler, J. (1990). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carvalho, M. M. T. (2017). Vida e morte no segundo dualismo pulsional. In P. R. Carvalho [et al.]. (2017). *Por que Laplanche?* São Paulo: Zagodoni.
- FREUD, S. (1996). Conferência XXV: a ansiedade. (J. Salomão, Trad. direção-geral). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 393-411). (Obra original publicada em 1917 [1916]).
- FREUD, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. (J. Salomão, Trad. direção-geral). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, p. 73-141). (Obra original publicada em 1910).
- FREUD, S. (1996). Totem e tabu. (J. Salomão, Trad. direção-geral). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 21-162). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (2014). Inibições, sintomas e angústia. (P. C. Souza, Trad.). In S. Freud. *Obras completas*, (Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1926).
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (4a ed). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trans.). Rio de Janeiro. Imago. (Obra original publicada em 1957).

- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (4a ed). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trads.). Rio de Janeiro. Imago. (Obra original publicada em 1946).
- Klein, M. (1991). Sobre a observação do comportamento dos bebês. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (4a ed). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trads.). Rio de Janeiro. Imago. (Obra original publicada em 1952).
- Klein, M. (1991). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (4a ed). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trads.). Rio de Janeiro. Imago. (Obra original publicada em 1948).
- Klein, M. (1996). Estágios iniciais do conflito edipiano. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1928).
- Klein, M. (1996). Estágios iniciais do conflito edipiano. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1928).
- Klein, M. (1996). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1945).
- Klein, M. (1996). Tendências criminais em crianças normais. In M. Klein. *Amor culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927).
- Klein, M. (1997a). *A psicanálise de crianças*. (L. P. Chaves, Trad.). Rio de Janeiro. Imago. (Obra original publicada em 1932).
- Klein, M. (1997a). Os efeitos das ansiedades arcaicas no desenvolvimento sexual da menina. In M. Klein. *A psicanálise de crianças*. (L. P. Chaves, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. p. 213-257 (Obra original publicada em 1932).
- Klein, M. (1997b). Os efeitos das ansiedades arcaicas no desenvolvimento sexual do menino. In M. Klein. *A psicanálise de crianças* (L. P. Chaves, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1932).
- Knudsen, P. S. (2007). *Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica.
- Laplanche, J. (1981). *Problemáticas IV: o inconsciente e o id*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1983b). Faut-il brûler Melanie Klein? In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1965-1992*. Psychanalyse à l'Université, 1983. Paris: PUF.

- Laplanche, J. (1988a). *Problemáticas II: Castração, simbolizações* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992). La position originaire du masochisme dans le champ de la pulsion sexuelle. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1965-1992*. Paris: Aubier, 1992. pp. 37-58. (Obra original publicada em 1986).
- Laplanche, J. (1992a). La révolution copernicienne inachevée. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1967-1992*. Paris: Aubier.
- Laplanche, J. (1992b). *Problemática IV: o inconsciente e o id.* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1987).
- Laplanche, J. (1993). *Problemática V: a tina.* (P. Neves, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1987).
- Laplanche, J. (1997). *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Laplanche, J. (1998). *Problemáticas I: angústia.* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1980).
- Laplanche, J. (2003a). O gênero, o sexo e o sexual. In J. Laplanche. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano.* (J. C. Calich, Trad.). Porto Alegre: Dublinense.
- Laplanche, J. (2003b). Três acepções da palavra “inconsciente” no âmbito da teoria da sedução generalizada. In J. Laplanche. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano* (J. C. Calich, Trad.). Porto Alegre: Dublinense.
- Laplanche, J. (2006). Castração e Édipo como códigos narrativos. In J. Laplanche. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano* (J. C. Calich, Trad.). Porto Alegre: Dublinense.
- Laplanche, J. (2016). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse: la séduction originaire*. Paris: PUF. (Obra original publicada em 1987).
- Lattanzio, F. F. & Ribeiro, P. C. (2012). Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico. *Psicologia em Estudo*, vol. 17, n. 3, pp. 507-517.
- Petot, J. M. (1987). *Melanie Klein: primeiras descobertas e primeiro sistema*. São Paulo: Perspectiva.
- Petot, M, J. (1992). *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto* (1932-1960). São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1982).
- Preciado, B. P. (2002). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Madrid: Ópera Prima.
- Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.

- Ribeiro, P. C. (2003). O moralismo fálico na abordagem lacaniana do transexualismo. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE FILOSOFIA, PSIQUIATRIA E PSICOLOGIA: ÉTICA, LINGUAGEM E SOFRIMENTO, 6. Brasília: ABRAFIPP / UnB. Vol. 1, pp. 51-63.
- Rubin, G. (1975). The traffic in women: notes on the “Political Economy” of sex. In R. Reiter (Ed.). *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review Press.
- Rubin, G. (1984). Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In C. Vance (Ed.). *Pleasure and danger: Exploring Female Sexuality*. New York: Routledge & Kegan, Paul. pp. 267-319.

A SEDUÇÃO ORIGINÁRIA NA TEORIA KLEINIANA

Resumo

Após um percurso na obra kleiniana, foi possível observar que a autora oferece uma rica e detalhada descrição dos primeiros processos que constituem o psiquismo humano. No entanto, apesar do privilégio concedido ao mundo interno, por vezes, a autora desconsidera o caráter deslizando e móvel das construções psíquicas, dando espaço a descrições inatistas e estereotipadas. Procuramos, a partir de uma chave de leitura oferecida pelo pensamento laplancheano, entender quais contribuições clínicas a teoria das posições de Melanie Klein, sobretudo a posição esquizoparanoide tem para a prática clínica atual. Conclui-se que a posição esquizoparanoide, descrita por Klein, trata-se da organização tradutiva do eu para lidar com a intromissão sexual que o adulto provoca no bebê. Para entender melhor essa relação primordial, investigamos a tese de Jacqueline Lanouzière sobre o processo do aleitamento como cena originária. De acordo com a psicanalista francesa, o seio – e sobretudo as mensagens que ele veicula – seria o objeto por excelência de sedução, a saber, aquele que inaugura todo o núcleo de defesas que organizam o modo como o sujeito se perceberá e se posicionará diante do inevitável encontro com a alteridade.

Palavras-chave: Melanie Klein, Jean Laplanche, Posição esquizoparanoide, Sedução generalizada, Aleitamento.

Abstract

After a journey in the Kleinian work, it was possible to observe that the author offers a rich and detailed description of the first processes that constitute the human psyche. However, in spite of the privilege granted to the inner world, the author sometimes ignores the sliding and moving character of psychic constructions, giving space to inatistas and stereotyped descriptions. We try to understand, from a reading key offered by the laplanchean thought, what clinical contributions Melanie Klein's theory of positions, especially the schizoparanoide position has for current clinical practice. It is concluded that the schizoparanoide position, described by Klein, is the translation organization of the I to deal with the sexual intrusion that the adult causes in the baby. To better understand this primordial relationship, we investigate Jacqueline Lanouzière's thesis on the process of breastfeeding as the original scene. According to the French psychoanalyst, the breast – and especially the messages it conveys – would be the quintessential object of seduction, namely, the one that inaugurates the whole nucleus of defenses that organize the way the subject will perceive and position himself of the inevitable encounter with otherness.

Keywords: Melanie Klein, Jean Laplanche, Schizoparanoide position, Generalized seduction, Lactation

Introdução

Como se sabe, Klein dedicou suas últimas obras à investigação dos períodos mais arcaicos do psiquismo, assentando cada vez mais seus preceitos teóricos numa teoria constitucional das dosagens da pulsão de vida, da pulsão de morte e do inatismo da constituição do eu. Tais pressupostos, fortemente criticados por teóricos como Lacan (1986), Laplanche (1983) e Bleichmar (2011), ainda nos colocam alguns impasses teóricos de entendimento não só da teoria kleiniana, mas também para a clínica atual. Assim como Freud (1913/1996) precisou utilizar as teorias filogenéticas, Klein precisaria usar uma teoria inatista do aparelho psíquico? Em que a teoria da sedução generalizada pode contribuir para uma releitura da teoria kleiniana, resgatando sua surpreendente intuição clínica?

Para isso, nas próximas seções propomos uma leitura crítica da teoria kleiniana, sobretudo nas últimas teorizações da sua teoria das posições, a partir da teoria da sedução generalizada, de Jean Laplanche (1987/2016). Tentaremos explicitar o seguinte argumento: nas operações psíquicas arcaicas defendidas e explicadas por Klein (1928/1996, 1932/1997, 1946/1991, 1957/1991), é possível observar a radicalidade da alteridade como motor fundamental de suas construções e não, conforme defende a autora, por vezes de maneira nebulosa, como operações constitucionais.

Apesar das críticas já feitas por Bleichmar (2011) e Laplanche (1983) ao modelo inatista de Klein, acreditamos que ainda sejam necessárias investigações como a deste trabalho para atualizar o kleinismo visando contribuir para a clínica contemporânea somando-se às já existentes contribuições (Petot (1987, 1992); Baranger (1976); Cintra & Figueiredo (2004); Cintra & Ribeiro (2018); Ogden (1996), entre outras.

Após uma leitura dos postulados kleinianos sobre as origens do pulsional, propomos uma discussão a partir de alguns textos laplancheanos. Contaremos com a sistematização já feita por Michel Petot (1987, 1992) como guia da nossa leitura da obra kleiniana, sobretudo a respeito das sistematizações que o autor faz a respeito dos conceitos de frustração e gratificação. Logo em seguida, discutiremos a situação originária, responsável pela fundação do aparelho psíquico, a partir de considerações teóricas da psicanalista contemporânea francesa Jacqueline Lanouzière (1991), cuja leitura investigativa da obra kleiniana culminou na formulação da tese de que o seio e a experiência de aleitamento são, por excelência, os objetos da sedução originária.

1 As imagos do seio bom e do seio mau e a teoria das posições de Melanie Klein

De antemão, propomos uma breve explanação sobre as últimas concepções teóricas de Klein, a fim de favorecer nossa discussão nos tópicos seguintes. Como afirma Petot (1992), o sistema kleiniano apresenta uma organização interna própria a partir da evolução de alguns conceitos. Entretanto, essa organização interna não está livre de contradições, como veremos mais especificamente neste trabalho sobre os conceitos oriundos da posição esquizoparanoide. Antes, porém, é importante um mínimo entendimento da evolução do pensamento da autora.

Ao avançar em sua teoria, Klein (1932/1997) distingue as angústias persecutórias das angústias de culpa. Com essa distinção, Klein percebe que o eu tem maneiras de se posicionar diante das ansiedades experimentadas. Parte daí, como consequência do seu amadurecimento na escuta clínica, a noção de que o eu se identifica com o objeto, criando fronteiras entre si. A essa nova postura do eu com o objeto Klein (1935/1996) chamará de posição depressiva. Entre os anos 1935 e 1940, o pensamento kleiniano se debruçará sobre as duas posições tomadas pelo eu para lidar consigo e com o mundo: a posição paranoide e a posição depressiva.¹⁹

Klein (1946/1996) agrupa as defesas esquizoides e paranoides em uma única posição para sistematizar o entendimento sobre a organização arcaica do psiquismo humano. A autora percebe que a posição depressiva é uma elaboração bastante custosa e elaborada do eu, além de ser a consequência direta da superação da posição esquizoparanoide. Tal conceito traz algumas afirmações de maneira mais enfática. A clivagem do objeto em mau e bom não só resulta da imaturidade (motora e perceptiva) do eu, mas também é um de seus mecanismos de defesa. Isso equivale a dizer que o eu cliva o objeto e a si próprio para criar espaços mentais separados entre si, com o objetivo de lidar de forma correspondente ao que cada objeto lhe dispara (satisfação-bom/privação-mau).

Esse mecanismo, que Petot (1992) chamou de “bipartição primária” (p. 115), é o mais fundamental da economia psíquica normal e patológica. Assim, existe a clivagem binária, que divide os polos da pulsão de vida e da pulsão de morte, correspondentes ao objeto bom e ao objeto mau. Caso essa clivagem não seja porosa e flexível, isto é, caso se inscreva de maneira irreduzível, o ego estará fadado a uma cisão persistente.

A teoria definitiva da clivagem, para Klein (1957/1991), consiste em duas variáveis de sentido: de um lado, a clivagem extrema, que comporta um perseguidor e uma idealização

19

Sugerimos a leitura de Cintra & Figueiredo (2004) para o esclarecimento, de forma brilhante e didática, de todo o percurso do pensamento kleiniano.

extrema, advinda das operações proporcionadas pela pulsão de morte; de outro, a clivagem por oposição entre mau e bom, que é mais porosa e intercambiável gradativamente e que comporta uma predominância da libido, a qual, por sua vez, oferece as condições necessárias para a superação da clivagem rumo à integração do ego e do objeto na posição depressiva.

Segundo Petot (1992), a clivagem na teoria kleiniana de 1952 (idealização/perseguição e bom/mau) determina as futuras organizações libidinais. Essa clivagem, vale lembrar, é decorrente dos ataques da pulsão de morte, concebida como inata por Melanie Klein. Posteriormente, a primazia das pulsões genitais e a repressão oriunda do conflito edipiano organizarão e integrarão essa primeira clivagem.

A fim de adiantar nosso raciocínio, é importante lembrar que Klein, ao longo de sua obra, faz a distinção entre a pulsão de morte e as pulsões libidinais, herança do segundo dualismo pulsional freudiano. Para ela, a genitalidade e as relações totais com objetos são libidinais, a pulsão por excelência.²⁰ Parece-nos que Klein faz uma sobreposição teórica entre a pulsão sexual e a organização genital da pulsão. Nas próximas seções aprofundaremos tal discussão, mas é importante já ter em mente que, para Klein, os processos psíquicos da posição esquizoparanoide são tomados não como libidinais, mas como consequência da ação da pulsão de morte.

Dessa maneira, a partir de 1952, na teoria kleiniana, a posição esquizoparanoide ganha um estatuto crucial para o psiquismo. Ela pode ser simultaneamente paranoide, depressiva, esquizoide e reparadora. Mas conta com as pulsões primárias, ou seja, não libidinais, não tão elaboradas (Petot, 1992). Os conceitos de amor, ódio, avidez, inveja e gratidão serão estudados por Klein (1957/1991) como manifestações imediatas dos conflitos e intercâmbio das pulsões primárias.

Klein não destinou em seus escritos uma explicação sobre como se dariam as representações das pulsões no aparelho psíquico, “mas concordou com as concepções do termo “phantasia”,²¹ de Susan Isaacs” (Petot, 1992, p. 140). A definição de fantasia estaria alocada em duas movimentações: a primária e a secundária. A primária dirige as pulsões às vivências corporais, e a secundária corresponderia às expressões mentais da primária, que seriam avidez, inveja, gratidão, frustração, etc. Esses conceitos, portanto, são as expressões primárias da pulsão.

20
que toda pulsão é sexual.

Na próxima seção discutiremos a tese de Jean Laplanche (1999) de

21
partir de Laplanche (1992a).

Não utilizaremos essa grafia e retomaremos a noção de fantasia a

Explicando melhor:

[...] ao invés de pensarmos que os representantes das pulsões são, por exemplo, de um lado, os afetos e, de outro, as representações, a partir de Melanie Klein a função de representar, tanto as pulsões, quanto todos os elementos somatopsíquicos, é desempenhada pela *phantasia* inconsciente, que reúne uma variedade de dimensões e componentes: afetos, representações, sensações, necessidades, sentimentos, tendências etc., tudo amalgamado em entidades heterogêneas. (Figueiredo, 2006, p. 135).

Portanto, é através das representações pulsionais primárias (fantasias) que se dará a transformação da vivência corporal para a vivência psíquica, a inauguração do “modo ativo de pensar” (Cintra & Ribeiro, 2018, p. 16), ou seja, a inauguração de um espaço e um modo interno singular a cada sujeito. O que predominará no mundo interno, isto é, na realidade psíquica, é justamente o desenrolar e a atuação de tais representações no psiquismo, construindo, assim, todo o cenário e o enredo do mundo interno, que Klein descreve em detalhes a partir da teoria das posições, da clivagem, do ciclo mau e do ciclo bom.

Na perspectiva de Klein (1946/1996), no início da vida, as privações acentuam a posição esquizoparanoide, isto é, o ciclo mau que já preexiste na criança. Isso tudo é agravado por alguns mecanismos arcaicos como a recusa, a confusão, que não diferenciam o ego e o objeto. Dessa maneira, Klein (1957/1991) é levada a pensar, a partir da escuta clínica de casos graves, que os estados psicóticos são oriundos do fracasso do eu em superar esses mecanismos. A diminuição da clivagem e a predominância gradual do ciclo libidinal das pulsões de vida serão o caminho a percorrer para a entrada na neurose.

Resumindo, na teoria kleiniana, há a ideia de que o arcabouço do aparelho psíquico já consta desde o nascimento. Há um predomínio das pulsões de morte, uma disposição para o crescimento das pulsões de vida e um ego muito incipiente lutando como pode contra o caos provocado pelas pulsões destrutivas. Percebe-se, então, que, nos moldes kleinianos, a experiência com o corpo materno influenciará o mundo interno, mas não é responsável por sua instauração.

Assim, Klein (1957/1991) conceitua que as experiências reais de privação e satisfação são representadas mentalmente como reforço das pulsões primárias: as frustrações são movidas pelo núcleo pulsional de morte, e as gratificações, pelo núcleo das pulsões de vida. As interpretações de frustração ou gratidão serão direcionadas pelos operadores pulsionais primários: avidez, inveja, amor e culpa, pertencentes a cada núcleo pulsional. Com essa premissa, é possível entender que “a inspiração central kleiniana é da primazia da realidade psíquica sobre a realidade exterior” (Petot, 1992, p. 140).

Para um entendimento melhor, veja-se o esquema a seguir.

Vivências ambientais, corporais	Afetos primários	Desdobramentos dos afetos primários	Vivência, representação psíquica
Privação →	Avidez →	Inveja →	→ Frustração
Satisfação →	Amor →	Reparação →	→ Gratificação

Dessa maneira, é importante salientar a avidez como fundadora dos principais mecanismos das relações de objeto. Em definição, a avidez é um fator pulsional primário e defesa contra a ansiedade persecutória. É a ânsia de ser gratificado a todo momento para cessar o medo baseado na lógica de talião (atacar e ser atacado). O “excesso de pulsões de morte acentua as fantasias de avidez e diminui a capacidade de tolerar frustração” (Petot, 1992, p. 142).

Outro importante fator pulsional primário é a inveja. Ela se consolida também no modelo kleiniano nas suas últimas obras e ganha uma dimensão importante ao organizar as últimas concepções kleinianas: a introjeção e o conhecimento inato do seio bom. Vale lembrar que “o elo com a mãe não é criado pela experiência da amamentação e dos cuidados maternos, mas existe uma pulsão, para não dizer instinto, que impele a criança em direção à mãe” (Petot, 1992, p. 147).

O seio bom é um representante da pulsão de vida, da criatividade, é o que instaura a possibilidade de o ciclo bom suprimir o ciclo mau predominante do início da vida. Para Petot (1992), Klein (1957/1991) defende que a clivagem primária é crucial para que o ego consiga lidar com a avalanche pulsional que o invade. Está implícito o pensamento de que as pulsões de vida e as pulsões de morte são tão unidas que é preciso o recurso da clivagem para seu tratamento.

Nessa esteira, a inveja é o fator pulsional primário, que confunde essa primeira clivagem importante para o ego.

Assim,

[...] é no conhecimento inato do seio bom que está o princípio da inveja. Este nasce da defasagem entre a espera ávida que acompanha a fantasia de um seio inesgotável e a realidade na proporção em que comporta inevitavelmente privações. (Petot, 1992, p. 155).

Portanto, o primeiro objeto invejado é o seio. A experiência do aleitamento proporciona o contorno dessa primeira experiência. Para Klein (1946/1996), todo perigo sentido pelo ego advém da pulsão de morte. Diferentemente de Freud (1926/1977), para Klein (1996/1946), a questão do id e do superego é não de diferenciação, mas de aproximação.

Nesse sentido, o continuísmo presente na teoria kleiniana prevê um percurso libidinal a ser alcançado através dos mecanismos das pulsões de vida. Tal teoria sustenta que, se há conflito entre o ego e as tendências libidinais, é exclusivamente porque essas tendências estão de algum modo associadas à pulsão de morte. O ego forte estará sob o regime das pulsões de vida e terá ferramentas para aproximar e atenuar os imperativos e as idealizações de superego, que se mostra “esmagador” (*overwhelming*) desde o início (Petot, 1992, p. 169).

Em resumo, podemos observar que a teoria da posição depressiva de Klein (1935/1996) é mantida no último sistema kleiniano, além de ter uma importante função clínica na medida em que seu alcance representa o horizonte de todo o processo analítico. No entanto, ela perde sua centralidade teórica da constituição psíquica. Como afirma Petot (1992, p. 152), “o elemento motor de toda dinâmica psicológica é a pulsão destrutiva”. Assim, há uma separação radical entre os processos libidinais (como a gratidão, o amor, a reparação, os enredos do Édipo tardio) mais elaborados e as defesas arcaicas (como a desfragmentação, a confusão, a clivagem, oriundas da pulsão de morte) superadas a partir da introjeção do objeto bom.

Cabe-nos perguntar: Esses mecanismos dicotômicos não são organizadores de uma única experiência, qual seja, os efeitos traumáticos dos primeiros encontros com o outro? Por que se daria o predomínio das pulsões de morte no início da vida? Estamos falando de uma definição de instinto destrutivo inato a todo ser humano e sua superação depende da pulsão? Tentaremos procurar algumas respostas a esses impasses na teoria da sedução generalizada. (Laplanche, 1992).

2 A representação da angústia de aniquilamento

Retomando os princípios da psicanálise, Laplanche (1981/1992a) lembra que só é possível investigar o inconsciente sondando seus efeitos, suas produções. Especificamente nesta seção, acompanhamos sua leitura da obra kleiniana sobre dois conceitos fundamentais para qualquer desenvolvimento teórico a respeito dos efeitos do inconsciente: pulsão de morte e angústia.

Para Laplanche (1981/1992a, p. 193), “toda angústia é do id e do ego; é do id como origem, é do ego como lugar onde se produz” (p. 193). Concordando com esse preceito, herança da primeira teoria da angústia de Freud (1916-1917/1976), Klein (1948/1991) irá confirmá-la de maneira confiante em várias de suas obras e descrições de casos clínicos:

O ponto de partida por mim sustentado de que a ansiedade se origina no medo de aniquilamento provém da experiência acumulada nas análises de crianças pequenas. Quando, em tais análises, as situações de ansiedade mais arcaicas do bebê são revividas e repetidas, a força inerente de uma pulsão, em uma instância dirigida contra o *self*, pode ser detectada com tal clareza, que sua existência parece indubitável. (p. 50).

Essa ansiedade sentida pelo eu como um perigo de aniquilamento terá sua origem, de acordo com Klein (1948/1991), nas pulsões de morte ou, nas suas palavras, nas pulsões destrutivas. A primazia da destrutividade estará cada vez mais presente ao longo de sua teoria. O legado kleiniano se desenvolverá sobre as bases do segundo dualismo pulsional freudiano, com a divergência de que se, segundo Freud, o perigo enfrentado pelo eu seria a libido, para o pensamento kleiniano, o ataque ao eu seria o da pulsão de morte.

É nesse ponto que uma das interpretações realizadas por Laplanche (1981/1992a) ganha evidência no sentido de diminuir a oposição radical entre libido e pulsão destrutiva: “a pulsão de morte de Melanie Klein representa apenas o aspecto mais destrutivo, mais irreduzível ao ego e mais demoníaco da libido!” (p. 195).

Ademais, observamos um impasse epistemológico na construção da teoria das pulsões no modelo kleiniano. Como saída desses impasses Cintra & Ribeiro (2018) alertam que “é preciso separar o que é uma observação clínica daquilo que é uma especulação teórica repleta de consequências” (p. 16). Laplanche (1981/1992a) dirá algo semelhante também a respeito do estudo da obra kleiniana. Segundo o autor, há uma intuição coerente em Klein, principalmente nas suas intervenções clínicas, haja vista seus numerosos relatos clínicos de sucesso, mas há algumas inconsistências nos textos mais teóricos da autora, por exemplo, a que se refere a ansiedade de aniquilamento sobre a qual se assenta a teoria kleiniana? Como se configura a representação de aniquilação no inconsciente? Segundo Freud (1926/1996), essa representação não é possível diante da positividade das representações inconscientes. Não se representa o nada nem a morte. Como Klein (1948/1996) assume uma premissa tão contrária a esse preceito?

[...] não partilho desse ponto de vista [do preceito lançado por Freud (1926): não considerar o medo de morte como primários], porque minhas observações analíticas mostram que há, no

inconsciente, um medo do aniquilamento da vida. [...] Assim, em minha concepção, o perigo resultante do trabalho interno da pulsão de morte é a primeira causa da ansiedade. (Klein, 1948/1996, p. 50, colchetes inseridos por nós).

Ou seja, não se trata de querelas de palavras, mas de algo que exhibe os primeiros processos primários de representação da pulsão. Isso é interessante para nós, pois delimita mais uma vez os processos primários e os processos secundários responsáveis pela constituição das tópicas psíquicas.

Vejam a citação de Laplanche (1981/1992a), que esclarece melhor essa questão:

O que é primário é o trabalho interno da pulsão de morte; esse trabalho é que constitui a causa primária da angústia ou do que se “transforma em angústia”, segundo a formulação mais contestável que era a do “primeiro” Freud. Nada a objetar. E o que é apresentado como secundário, é um medo, uma resposta a essa pulsão sob a forma de medo de aniquilamento da vida. (p. 198).

Pois bem, visto isso, parece-nos que os efeitos primários da pulsão sobre o eu correspondem a respostas do eu ao pulsional. Como vimos na seção anterior, a fantasia, conforme as concepções kleinianas, seria uma operação psíquica que transforma a experiência de privação física em frustrações passíveis de ser sentidas, vividas, organizadas psiquicamente. Porém, ainda nos resta um impasse na teoria kleiniana sobre a primariedade da destrutividade. Seria esse tempo auto um mito? Uma aporética que coloca a psicanálise mais uma vez em um impasse etiológico sobre o qual, para trabalharmos, é preciso partir das premissas de que o ser humano é dotado de uma destrutividade inata e universal?

Bleichmar (2011) nos lembra:

O problema colocado por Klein é que ela parte de um único sistema, que é o inconsciente, e as segundas instâncias são derivadas e não existem em si mesmas. Pode-se dizer que seu modelo de representação é o fantasma. São representações por delegação do somático no psíquico, existentes desde o começo da vida. (p. 399, tradução nossa).

Dessa maneira, observamos que a explicação da constituição do aparelho psíquico kleiniano, assim como qualquer obra, encontra limites e possibilidades. Observamos que as teorizações de Klein sobre a primazia das pulsões de morte nos ajudam a entender melhor os primeiros mecanismos psíquicos e as defesas do eu para lidar com o pulsional. No entanto, ao chegar a alguns impasses epistêmicos, talvez pelos mesmos motivos elencados por Laplanche (1987/2016), que culminou no abandono da teoria da sedução por Freud, acreditamos que a teoria kleiniana também tenha se desviado dos princípios psicanalíticos ao propor uma teoria

constitucional das pulsões e do eu, sobretudo por ter negligenciado aspectos flagrantes em sua teoria sobre a crucial importância da radicalidade da alteridade nos primeiros processos de constituição do outro.

Cintra & Ribeiro (2018), a partir de uma leitura amistosa da obra de Klein, encontram uma saída para tais desvios biologizantes do kleinismo. Para as autoras, haverá “aspectos mal compreendidos” (p. 107) da teoria da constitucionalidade de Klein. A nosso ver, também entendemos que Melanie Klein, de fato, “não acreditava em um componente genético” (p. 107) do psiquismo humano. No entanto, entendemos que Klein, como primeira desbravadora do mundo interno psíquico no que toca a toda a sua destrutividade e ao caos, não teria como resolver todos os impasses teóricos em uma só vida, portanto é razoável admitir os possíveis equívocos presentes em sua teoria.²²

Dessa forma, cabe aos pós-kleinianos tal empreitada. Assim, apesar dos avanços evocados pela proposta de substituir o termo “constitucional” por “estrutural”, como nos apontam Cintra & Ribeiro (2018, p. 108), entende-se que ainda restam lacunas teóricas acerca da constituição do psiquismo. Segundo as autoras, o desequilíbrio de prazer provocado pelo nascimento despertaria a voracidade, provocando a construção da cena originária. A cena originária aqui é a fantasia de uma suposta plenitude, homeostase, que fora perdida. No entanto, mesmo com o desequilíbrio psíquico interno provocado pelo nascimento, resta saber, sem a ajuda de roteiros *a priori*, como e por que, se instaura todo o enredo do mundo interno mau e do mundo interno bom descrito pela teoria kleiniana, e sobretudo quais implicações a descrição desse enredo já predeterminado traz para a técnica clínica.

A esse propósito, Bleichmar (2011) faz uma crítica à quase inexistência do conceito de *a posteriori* na técnica kleiniana. Para Klein (1948/1996), “não há *après-coup*, o que há são, de alguma forma, passagens de uma posição para outra de recomposições endógenas” (p. 399, tradução nossa). Acreditamos que a premissa de que todo o desenvolvimento posterior do adulto está fixado nos primeiros estágios de vida (Klein, 1948/1996) só pode ser sustentada se for levado em consideração o caráter deslizante, relacional e dialético imposto pela instalação do jogo pulsional.

Para Bleichmar (2011), o determinismo kleiniano do plano interior sobre o plano exterior enrijece a dinâmica psíquica proporcionando uma técnica que negligencia o sofrimento atual do paciente. Essa transposição direta de uma fixação a outra é até mesmo

22

Nos furtamos do recorrente engodo de que as críticas significam desprezo por completo à obra; pelo contrário, a refutação no campo da pesquisa científica marca o avanço e o reconhecimento da importância da autora.

incoerente para a primeira autora a desenvolver uma teoria cuja expressiva parte é destinada ao campo das significações, dos afetos, do sentido que o eu dá ao pulsional. O seio mau, o seio bom, a introjeção do seio bom e a projeção do seio mau não seriam transformações do pulsional em afeto? É interessante como Klein nos possibilita o entendimento de processos muito complexos e arcaicos, enquanto produz contradições em sua própria teoria, propondo um determinismo endógeno psíquico.

Para avançar e seguir com nosso projeto de ventilar a teoria kleiniana a partir de sua potência clínica, propomos uma aproximação de sua teoria constitucional das pulsões com a teoria da sedução generalizada (Laplanche, 1992).

3 A teoria da sedução generalizada e a obra de Melanie Klein

No decorrer de sua obra, Laplanche (1983, 1981, 1999) revisita a teoria kleiniana, que oferece elementos que ela própria não diz. Esse jogo implícito nas contradições de cada autor é o palco das investigações teóricas de Jean Laplanche.²³ Como se sabe, tal autor, a partir do seu método de interpretar (com) Freud ao longo de sua obra, consolida a teoria da sedução generalizada como explicação para a constituição psíquica do humano (Laplanche, 1987/2016). O modelo laplancheano modifica a teoria da sedução restrita de Freud a partir das concepções dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Nesse sentido, a teoria da sedução generalizada tem como base a constituição das tópicas psíquicas a partir da assimetria imposta na relação adulto-bebê.

Para Laplanche (1987/2016), o inconsciente do adulto é que colonizará e fundará o inconsciente da criança. As divisões e os processos psíquicos na constituição psíquica serão organizados a partir da concepção da radicalidade da alteridade, sobre a qual o eu se funda como uma instância defensiva que traduz o enigma provocado pela alteridade, e o inconsciente, por sua vez, como tópica na qual se localiza tudo aquilo que é resto dos processos tradutivos do sistema pré-consciente.

23

Laplanche (1983,1981, 1999) disserta mais longamente sobre a teoria de Klein em: *Faut-il brûler Melanie Klein?*, de 1983, *Problématiques IV*, de 1981; *La soi-disant pulsion de mort: une pulsion sexuelle*, de 1999. Há, no entanto, outras inúmeras passagens de sua obra em que traz à luz a teoria kleiniana, seja como crítica, seja em concordância.

A teoria da sedução generalizada faz parte de um projeto amplo de Jean Laplanche, intitulado *Revolução copernicana inacabada*,²⁴ que tem como objetivo colocar o humano, bem como a teorização psicanalítica acerca dele, num constante movimento de descentramento. Por isso, entende-se que toda tentativa de compreensão da constituição subjetiva e psíquica do humano será incompleta, e o sujeito está fadado a uma constante gravitação em torno do enigma que o constituiu. Esse enigma constitutivo, sobre o qual se funda o inconsciente, coloca a teoria e o sujeito num processo infinito para dar sentido àquilo que jamais será recuperado.

Dessa maneira, torna-se pertinente buscar na literatura psicanalítica indícios teóricos que evidenciem os elementos copernicanos apontados por Laplanche (1992b). Isso pode nos garantir o afastamento e a denúncia de tendências que se propõem absolutas ou fechadas em si mesmas, como as construções inatistas, os mitos e os essencialismos, que nos colocam no rol das construções aporéticas de Ptolomeu.

Dito isso, elegemos uma passagem de Laplanche (1987/1993) que norteará nosso argumento principal de que a teoria kleiniana diz, sem querer dizer, sobre a radicalidade da alteridade no processo de constituição psíquica:

Pois bem, em Melanie Klein, em seus momentos mais lúcidos e provavelmente também os mais escandalosos, é uma outra visão que nos é proposta, uma outra concepção da fantasia e, em particular, do objeto fantasístico. Os objetos de Klein, esses famosos objetos bom e mau, total e parcial, que combatem no interior do sujeito, não são de maneira nenhuma, modos subjetivos de visar um objeto real [...] Esses objetos são verdadeiros objetos para Melanie Klein, objetos que a partir desse tempo de introjeção levam uma vida própria no interior do sujeito, provocando nele efeitos mecânicos de agressão e excitação em particular. (p. 89).

Isso significa que, para o kleinismo, há uma operação psíquica que transforma as imagos em instâncias objetais. O seio mau não é uma apreensão subjetiva da mãe real, ou seja, as imagos ganham a consistência necessária no mundo interno, a ponto de instaurar um funcionamento específico no psiquismo. O seio mau instaura as defesas do ciclo de talião, já o seio bom instaura as defesas do ciclo depressivo (Klein 1945/1996). Propomos que essas imagos teorizadas pela autora seriam a tradução possível do Eu ao ataque pulsional, segundo

24

Aqui nos referimos não apenas ao título da obra de Laplanche (1992b) *La révolution copernicienne inachevée*, mas também ao movimento que impulsionou todo o pensamento de Jean Laplanche, sobre o qual se construiu seu método de investigação psicanalítica, que escancara a radicalidade da alteridade no processo de constituição de todo ser humano.

o modelo da teoria da sedução generalizada. Julgamos importante esse raciocínio para encontrarmos uma saída mais copernicana do que a saída kleiniana do inatismo pulsional.²⁵

Como vimos, a teoria kleiniana talvez seja a que mais tenha investigado os processos primários. A transformação fantasística da privação em frustração acomoda as pulsões destrutivas dando-lhes o contorno do objeto mau, assim como a transformação da satisfação em gratificação acomoda as pulsões de vida dando-lhes o contorno do objeto bom. No entanto, isso não equivale a dizer que a satisfação introjetada é objeto bom, e a frustração introjetada é objeto mau. Klein está falando não da situação real, mas de uma operação do plano da fantasia. Em outras palavras: “A introjeção constitutiva para Klein não é de modo algum um decalque, ainda que ilusório da realidade material, há uma diferença enorme entre elas” (Laplanche, 1987/1995, p. 88).

O que essa teoria de Klein (1935, 1946) diz sem querer dizer é que há algo metabolizado singularmente pelo sujeito sobre aquilo que o outro lhe envia inconscientemente. Para dizer mais laplancheanamente, os efeitos trazidos pelo objeto bom ou objeto mau são efeitos do sexual, da pulsão. O que o seio quer de mim? Por que ele é bom? Por que ele é mau? Veja-se que a cada construção dessas imagos há uma resposta nas entrelinhas, como se o sujeito dissesse: “ele é bom porque me ama”; “ele me gratifica porque é bom”; “ele é mau porque me priva”; “ele me priva porque me odeia”. Sejam quais forem as mensagens implícitas nas construções dessas imagos, o que prevalece é a gravitação do sujeito sobre o enigma que o outro lhe impõe.

Segundo Klein (1957), a projeção é primária tendo em vista que a pulsão é inata. Assim, o primeiro mecanismo psíquico seria o de deflação. O caos interno, as imagos más e as imagos boas existem desde o nascimento atacando o eu, que, por sua vez, tem apenas como saída projetar seus ataques no seio. Para Laplanche (1993), a teorização de Klein (1957) faz sentido, se considerarmos que ela desconsidera o recalque originário. É como se para ela o recalque originário surgisse *a priori*, de forma automática.

Para o pensamento laplacheano, a clivagem entre o seio mau e o seio bom evidencia que a ausência do objeto não é simbolizada em si mesma, mas ganha uma representação atacante. A ausência do objeto se torna uma presença atacante interna. A clivagem entre o

25

Apesar de seu reconhecimento da realidade e do outro, percebe-se uma tendência muito mais forte aos essencialismos. De maneira geral, Klein não abre mão do modelo constitucional, criando um verdadeiro obstáculo epistemológico em sua teoria. Seu entusiasmo em defender o processo analítico como possibilidade de reedição desses períodos arcaicos, que ela mesma defende como constitucionais, esbarra em uma contradição teórica que a obrigou algumas vezes a admitir os limites da psicanálise com certos pacientes. (Petot, 1992).

mau e o bom nos revela os conteúdos passíveis de simbolizações ligadoras (o ciclo bom) e os conteúdos que trazem um conteúdo mortífero, desligante (ciclo mau). No entanto, seja qual for o circuito, ambos tratam de uma resposta, de uma construção simbólica endereçada ao outro.

Laplanche (1968, p. 49) apresentará sua tese de que o funcionamento sadomasoquista trata-se de apreensões fantasmáticas do sujeito, por isso libidinais, para se organizar frente à intromissão provocada pelo processo de sedução generalizada. Para Laplanche (1968), o sadismo e o masoquismo já estão no plano sexual, e o arranjo masoquista é a primeira organização libidinal pela qual se representa psiquicamente a experiência da passividade originária do sujeito.

O objeto interno, então, conceito central na teoria kleiniana, se cria através do movimento refletido do autoerotismo, atividade sem objeto, em que ocorre a substituição do objeto pela fantasia. A partir do mecanismo da implantação (adulto → criança), o sujeito terá que metabolizar, criar uma resposta a esse efeito provocado pelo outro. A esse mecanismo de resposta, de apreensão singular portanto libidinal, chamamos de introjeção, um mecanismo muito trabalhado por Klein em toda a sua obra.

Assim, é razoável pensar que, se, para Laplanche, o masoquismo é originário no sentido de que é a primeira organização libidinal do sujeito frente à situação de passividade provocada pelo encontro com o outro, para Klein, o sadismo é originário. No sentido kleiniano, o sadismo arcaico seria a primeira resposta psíquica do sujeito. No entanto, como surgem as fantasias de domínio do seio sem a implantação da sedução que o seio provoca? Antes de desejar dominar, atacar o seio, é preciso submeter-se a ele. A pulsão existe no campo da fantasia, portanto as fantasias de ataques já estabelecem um circuito pulsional. Se o eu desejou atacar, é porque antes foi possível a organização desse eu. Para Laplanche (1968), a organização do eu é inevitavelmente masoquista. Não há construção do narcisismo sem masoquismo, sem a metabolização das fantasias de intrusão do adulto: “O outro implantou em mim a minha passividade”. (p. 53).

A partir dessa passagem, observamos que a sedução originária coloca o sujeito numa situação de passividade a partir da qual sua primeira defesa psíquica será criar respostas frente a essa introjeção maciça que o outro lhe provoca. Não há outra maneira de se constituir senão pela introjeção do outro no eu. A metabolização e a barreira a isso fundarão o aparelho psíquico, o inconsciente e o pré-consciente. Essa clivagem fundante não equivale à clivagem das imagos boas e das imagos más, de Klein. A clivagem em bom e mau já seria uma simbolização, um tratamento ao pulsional implantado.

Vale a pena articular o que estamos dizendo sobre a fundação dos objetos internos com o que Laplanche propõe a partir da tradução que da palavra *Sachvorstellung*. Laplanche (1987/1993) propõe uma dupla tradução: a representação de coisa e a representação-coisa. Ao nosso entendimento, de maneira didática, a representação de coisa poderia ser as imagos boas e as imagos más como organização das experiências de frustração e de satisfação. Mas não é só isso. Essa ligação direta subjetiva, tão bem explicada por Klein, também é importante para nós. Mas para efeitos da teorização epistemológica da fundação do inconsciente, é importante lembrar que há um corte que separa a representação da coisa e a representação-coisa: “Ambas possuem propriedades afetivas ou enérgicas diferentes”. (Laplanche, 1987/1993, p. 90).

Já representação-coisa é a transposição da coisa para o inconsciente, o resto não simbolizado da apreensão subjetiva na realidade exterior e interior. É a coisa da qual o eu não cessa de apartar de si. Podemos encontrar a explicação de Laplanche (1992a/1987) para aquilo que ele chamaria mais tarde de “objetos fonte da pulsão” a partir de um comentário teoria kleiniana:

Agora, no interior, quando completamente só, ela [representação-coisa] é atacante, excitante; não é à toa que, em Melanie Klein, esse mundo incrível, fantástico, da infância, é antes de tudo um mundo mau, pois de fato, é um mundo, que não cessa de atacar o sujeito desde dentro, e, mesmo sendo um ataque de desejo, este é recebido pelo ego como profundamente perturbador; o desejo é por definição perturbador; o desejo, no início, é mau para o ego. (Laplanche, 1987/1993, p. 90, comentário nosso entre colchetes).

Desse modo, Laplanche observa a potente intuição clínica de Melanie Klein, quando a autora descreve detalhadamente os efeitos do pulsional nos primeiros anos de vida. A clivagem do seio mau e do seio bom instaura uma apreensão subjetiva da realidade, na medida em que organiza e simboliza os ataques do pulsional. O ciclo mau seria composto pelas primeiras tentativas do eu de traduzir aquilo que se apresenta a ele como o mais insuportável, mais atacante. A clivagem em pulsões de vida e pulsões de morte já seria um trabalho que tenta dar contornos à carga energética pulsional.

Laplanche (1999) faz uma distinção sobre a pulsão de morte freudiana e a pulsão de morte kleiniana. Para ele, a pulsão de morte kleiniana eleva ao máximo as proposições do segundo dualismo pulsional de Freud (1920). A constatação de uma agressão dessexualizada e ancorada no biologicismo faz parte das concepções kleinianas da pulsão de morte. Para Klein, o conflito psíquico sempre é entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Aqui vemos uma sobreposição teórica, também observada em Freud, sobre o pulsional confundido com a sexualidade genital humana.

Laplanche (1999) propõe que liquidemos a oposição demasiado simplista de “pulsões de vida, Eros, e pulsão de morte, Tânatos” (p. 218). Para Laplanche (1999), toda pulsão é sexual, ou seja, trata-se da pulsão perversa polimorfa no sentido ampliado dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905). A pulsão, seja qual for sua apresentação, é sexual, libidinal, ou seja, ela molda, contorna energeticamente qualquer processo interno ou externo para sua satisfação.

Assim, na teoria kleiniana, vemos a descrição do sexual sob a forma da agressividade, dos impulsos destrutivos. Mas em ambas as operações descritas por Klein (1948) – ciclo bom e ciclo mau – com as ressalvas do inatismo, podemos observar o jogo pulsional: os caminhos que o eu é levado a percorrer para traduzir o pulsional, ora como destruição, ataque, ora como gratificação, reparação. Assim, o amor e o ódio, organizadores da teoria kleiniana, não seriam operações libidinais por excelência?

Por fim, resumindo o que foi exposto, tentamos elucidar algumas aproximações da teoria da sedução generalizada com a teoria da constituição psíquica de Melanie Klein (1952, 1957). Vimos que a clivagem das imagos boas e das imagos más descritas na obra kleiniana pode ser interpretada como simbolizações que tentam dar conta e barrar a introjeção primária. Para se constituir, o sujeito precisa responder, traduzir, metabolizar, as intromissões e as implantações que a sedução originária lhe impõe. Clinicamente, a predominância de um ciclo bom em detrimento do ciclo mau nos parece ser realmente um bom horizonte para o desenvolvimento psíquico do sujeito. No entanto, se tratamos tal organização como constitucional, isso nos impede de observar outras saídas clínicas e sobretudo perdemos as principais características do pensamento psicanalítico: a descentração do humano e sua infinita gravitação ao redor do estranho que o habita.

Fizemos algumas considerações sobre como, na própria teoria kleiniana, podemos entender a radicalidade do outro na constituição psíquica. Compreendemos também o caráter disruptivo, excitável, que a pulsão representa para o eu. No entanto, ainda há algumas lacunas a serem respondidas. Como se dá realmente essa fundação do inconsciente a partir da relação adulto-bebê? De qual outro estamos falando? Quais as primeiras experiências dessa sedução originária proposta por Laplanche? Na teoria kleiniana é possível encontrar as origens da sedução originária? Para responder a tais perguntas propomos a próxima seção.

4 O aleitamento como sedução originária: corpo da mãe como palco e roteirista das introjeções e projeções primárias

Como vimos, com base na leitura laplancheana da obra de Klein, podemos entender que o conjunto de defesas e operações psíquicas arcaicas, conceituado pela autora como posição esquizoparanoide, é a primeira organização, em termos tópicos, econômicos e psíquicos, da fundação do aparelho psíquico a partir do encontro do bebê com o adulto. Assim, podemos afirmar que a clivagem entre o mau e o bom é a primeira inscrição que funda os processos de desligamento e de ligação das pulsões de morte e das pulsões de vida, respectivamente.

Será a posição esquizoparanoide responsável por circunscrever os primeiros núcleos psíquicos do sujeito. O espaço em que serão organizados esses núcleos se dará no encontro físico e emocional entre mãe-bebê. Para Klein (1928,1932), ambos os sexos experienciam a posição feminina, isto é, tanto a menina quanto o menino têm na base de sua constituição psíquica um maciço processo de identificação com o corpo e os desejos da mãe.

Ribeiro (2018), apoiada pela hipótese de Guinard (2000), retoma a posição feminina defendida por Klein, entendendo-a como dois momentos distintos. Seguindo tal hipótese, há um primeiro momento, o materno primário, como “o espaço interno dos investimentos pulsionais das primeiras relações identificatórias com a mãe” (p. 104). E o segundo momento, mais elaborado, do feminino primário, que é quando “a criança se identifica com o desejo da mãe pelo pai; é a identificação do outro (mãe) pelo outro (pai)”. (p. 104).

A definição desses dois momentos – materno primário e feminino primário – clareia as sobreposições teóricas de Klein a respeito de uma certa lógica assimétrica sobre a anatomia e o psiquismo. O desejo pelo pai ocorre não pela receptividade da vagina (Klein 1928,1932), mas por ele ser, justamente, o elemento de desejo do outro primordial do sujeito, a mãe. Isso não impede, por exemplo, ser possível ampliar tal lógica e pensar em uma “fase da masculinidade”, em um contexto no qual os primeiros cuidados são exercidos pelo pai. Isso se justifica na teoria de Laplanche (1992,1988), quando, ao longo de sua obra, ele teoriza sobre o caráter contingente e amplo das identificações de cada sujeito.

Lanouzière (1991) também interpreta o caos interno defendido no kleinismo não como uma estrutura já dada desde o nascimento, mas justamente como tentativa de resposta ao caos implantado pelo encontro com outro. Para a autora, podemos encontrar na obra de Melanie Klein as primeiras investigações teóricas e os achados clínicos que nos permitem investigar detalhadamente a radicalidade da alteridade na constituição do psiquismo humano. A tese principal de Lanouzière (1991) é: o seio é o objeto de sedução por excelência. Vejamos como a autora sustenta tal tese.

Numa obra de grande fôlego, Lanouzière (1991) tenta nos apresentar os vestígios da sedução generalizada presente nas obras de Freud, Melanie Klein, Héléne Deutsch e Marie Bonaparte. A partir dessa investigação, a autora levanta indícios teóricos que confirmam a proposta laplancheana de que o psiquismo de todo ser humano se constitui a partir de um processo de sedução generalizada proporcionado pela inevitável relação do bebê com o adulto. Lanouzière (1991) especifica qual seria essa primeira relação inevitável: a relação mãe-bebê.

Lanouzière (1994) esclarece tal preposição:

A concepção que acaba de ser descrita articula uma situação originária e fundamental, a situação da amamentação, uma oportunidade para a criança ter experiências corporais precoces com a mãe, que são elas próprias fontes de oportunidades e movimentos de investimento. de identificação, à observação de uma cena original da amamentação, está inscrita no que Jean Laplanche define como sedução originária. (p. 155, tradução nossa).

Portanto, na obra de Klein, Lanouzière (1991) encontrará um terreno riquíssimo para suas investigações dessa primeira relação, visto que na teoria kleiniana se encontram relatos clínicos detalhados sobre a relação arcaica do bebê com o corpo da mãe como palco de todas as primeiras introjeções e projeções que instauram todo o enredo do mundo interno.

No entanto, Klein percorre outros caminhos para desenvolver a primazia da imago materna em sua teoria. Como previsto, Lanouzière (1991) constata poucas referências do conceito de sedução na obra kleiniana.²⁶ Klein (1928) apresenta o conceito de complexo de Édipo precoce, que é provocado pelo abandono da mãe como objeto de amor porque ela priva o bebê do seio. Assim, o desejo da criança pelo pai é um tamponamento da primeira ferida narcísica do sujeito (frustração do seio).

Klein (1928) traz a seguinte nota: “muitas vezes nos deparamos com a queixa inconsciente de que a mãe seduziu a criança enquanto cuidava dela” (p.222). Nessa passagem, observamos que Klein confirma a ideia da sexualização precoce da mãe; a mãe que deposita sua própria sexualidade na criança, criando o fantasma de sedução materno. Essa ideia, lançada na década de 1920 por Klein, confirma os postulados freudianos de 1905 e adianta a hipótese do fantasma de sedução pela mãe, retomado por Freud em 1933 (Lanouzière, 1991, p. 54).

Lanouzière (1991, p. 54) ainda observa outro “efeito de sedução” na escolha do segundo objeto de amor da criança. Esse efeito de sedução é criado a partir da situação

26
1926, 1928 e 1932.

Klein cita o termo “sedução” de alguma maneira nos textos de

edipiana provocada pelas carícias do pai, para as quais a criança se volta como resposta à ferida narcísica provocada pela frustração com a mãe. O efeito de sedução das carícias do pai traz implícito que elas têm características sexualizadas. Tal afirmação é baseada nas investigações de Klein (1928, 1932) a respeito das fantasias edipianas infantis. Segundo a autora, a organização psicosexual da menina e do menino se origina a partir de uma direta equivalência entre a anatomia e as fantasias sexuais. Por exemplo, para a autora, a menina procura o pai pela direta relação entre a receptividade da vagina e a penetratividade do pênis. Assim, o caráter fantasístico da procura do pai para receber o pênis ganha uma conotação inconscientemente sedutora.

Avançando, é possível afirmar que implicitamente existe uma teoria da sedução em dois tempos na teoria kleiniana:

1º tempo: quando a sedução é atribuída à mãe como causa de seus cuidados;

2º tempo: quando a sedução é atribuída ao pai como causa de suas carícias, seus afetos. (Lanouzière, 1991, p. 55, tradução nossa).

O primeiro tempo é o que organiza e possibilita o Édipo precoce, superfície na qual serão organizadas as fronteiras do eu e do outro. O segundo tempo seria a superfície na qual se organizam os processos mais elaborados da fase genital; nas palavras de Klein, seria o complexo de Édipo tardio descrito por Freud.

Ao leitor não familiarizado com o kleinismo é importante esclarecer que o Édipo precoce kleiniano é justamente o tempo em que as pulsões de vida estão se fortalecendo pouco a pouco, devido ao império do sadismo arcaico que esmaga e ameaça o eu. O Édipo precoce, portanto, ocorre simultaneamente ao primeiro tempo da sedução, no qual o bebê vivencia suas primeiras experiências com o seio materno. Já no segundo tempo da sedução, o enredo em voga seria o Édipo tardio, no sentido freudiano, sobre o qual estaria vigente a organização libidinal das pulsões de vida, que deram conta de cessar o sadismo arcaico. Nesse momento, as pulsões já colonizaram as excitações genitais, escoando-se através das vias facilitadas da anatomia e das mensagens enigmáticas que ditam os destinos dessa anatomia (mulher-vagina-receptiva / homem-pênis-penetrante). Assim, tais simbolizações são secundárias aos processos parciais e primários da oralidade e da analidade.

Lanouzière (1991) se aprofunda na questão referente aos dois tempos por ela propostos como forma de sistematizar a sedução na obra kleiniana, ao se questionar se a relação entre eles abarca um sentido de *a posteriori* ou se são eventos históricos independentes entre si, tornando-se quase “fases do desenvolvimento normal”. Para a autora,

é possível perceber os dois movimentos na teoria de Klein com a ressalva de que, em grande parte, Klein realmente tratou tais eventos com um entusiasmo endogenista, desconsiderando o caráter deslizante dos representantes psíquicos. Lanouzière (1991) questiona se é possível salvar a teoria kleiniana nesse sentido, fazendo uma crítica, semelhante à de Bleichmar (2011) ao que se refere a um encavalamento kleiniano de tratar os processos psíquicos como fases necessariamente sequenciais.

Para a autora, a sedução pela mãe é um fantasma elaborado *a posteriori* na cena da sedução paterna, ou seja, tal cena secundária chancela e organiza esse primeiro momento. Falamos, então, de um processo dinâmico no qual as primeiras inscrições organizam as posteriores, enquanto as posteriores organizam as primeiras inscrições.

Lanouzière (1994) diferencia a situação da experiência originária com o seio e a cena propriamente dita da sedução; esta última, por sua vez, trata de uma organização representativa da experiência anterior. A experiência da amamentação provoca as primeiras inscrições no psiquismo do infante. Segundo a autora, Klein (1952) descreve assertivamente as representações oriundas do inevitável contato com o corpo da mãe. Haveria, então, dois tempos de elaboração da experiência de sedução. O primeiro tempo consiste na sedução direta, na qual o bebê está totalmente passivo aos cuidados da mãe. Tal situação de dependência e os cuidados maternos constroem a cena de sedução que se organizará no *a posteriori*.

Assim,

[...] os cuidados maternos provocam necessariamente a estimulação das zonas erógenas, em particular nas zonas orificiais onde se efetuam a penetração e a difusão de certas estimulações externas e com elas os efeitos aos quais elas são associadas. (Lanouzière, 1994, p. 152, tradução nossa).

Podemos perceber que o conceito de ‘espaço materno primário’ (Guignard, 2000 *apud* Ribeiro, 2018) se alinha com tal argumentação. As experiências de aleitamento, fundamentalmente, provocam essas primeiras experiências de organização primária. É importante salientar que os cuidados não são mecânicos nem padronizados, mas são colonizados pela pulsão de quem os emite. Ou seja, “os gestos do cuidador transportam para a criança diferentes olhares, sentidos, gestos, mensagens de amor e ódio, de prazer e desprazer” (Lanouzière, 1994, p. 152, tradução nossa).

O segundo tempo consiste, por sua vez, no enigma provocado pela ausência da mãe, que coloca a criança a construir as traduções que deem conta da angústia da exclusão e da

rejeição. A mãe que provoca a sensação de exclusão com sua ausência é a mesma que também oferece os conteúdos identificatórios que traduzirão a sensação de exclusão. Nesse sentido, pode-se alinhar esse segundo tempo defendido por Lanouzière com a posição feminina kleiniana.

É razoável a compreensão da posição feminina enquanto um espaço aberto no qual são transmitidos para criança os conteúdos inconscientes do adulto. As mensagens enigmáticas da mãe é que veicularão seus desejos: “gosto do seu pai”, “odeio seu pai” e tantos outros possíveis desejos inconscientes. A entrada de um terceiro, não necessariamente a figura do pai, mas qualquer elemento que fure a díade mãe-bebê, proporciona o conteúdo para a construção de uma cena de sedução, que consiste na mãe “oferecendo o seio a outro”. A ruptura do conluio mãe-bebê constrói a fantasia do coito parental, fundando uma ambivalente rivalidade com o par parental, que tem como pano de fundo a reconquista do seio.

Vale lembrar o relato do caso Erna, no qual Klein (1932) interpreta os cuidados da mãe como disparadores das excitações genitais da menina. Para Klein, Erna tinha uma hipersensibilização, uma predisposição constitucional.

Lanouzière (1991) cita dois pontos que confirmam a sedução de Erna:

[...] a descrição da mãe sobre seus cuidados e a incompreensão da menina, como se estivesse sendo privada de um prazer experimentado anteriormente; a culpa da mãe, que se traduz pela modificação de sua atitude nos cuidados, o que causa a sensação *a posteriori* de privação da menina e o motivo de sua acusação no futuro (p. 56, tradução nossa).

Klein (1932) apenas interpreta a sedução referente a Erna. Não se dá conta nem mesmo de que a própria mãe é a primeira a interpretar como sexual o prazer da menina. Nas palavras de Lanouzière (1991), “tudo se passa como se a observação da mãe, as experiências de prazer de Erna e sua interpretação dessas experiências como sexualizadas estivessem independentes da sua própria sexualidade” (p. 57, tradução nossa).

É flagrante que as atuações de culpa da mãe ocorrem justamente porque ela reconhece nos seus cuidados o possível efeito sedutor. Nesse sentido, a acusação mencionada anteriormente e apresentada pela criança se faz num duplo movimento de projeção dos seus impulsos pulsionais e a introjeção dos significantes, dos quais, sem o seu conhecimento, a mãe é portadora.

Esses significantes que estão

[...] ligados à história individual da mãe, ligada e atravessada pela cultura em que ela está inserida e que são transmitidos, por sua vez, dentro dos processos de sexualização

necessariamente iniciados pela necessidade de cuidados corporais (Lanouzière, 1991, p. 57, tradução nossa).

Assim, percebe-se que a teoria kleiniana é enfática ao descrever a mãe como objeto de amor por excelência, mas a isenta de qualquer suspeita de sedução, ou seja, de exercer qualquer função traumática na criança. Contrariamente a isso, a teoria da maternidade em Klein irá se embrenhar por caminhos quase canônicos a respeito da maternidade, tornando o desejo de ser mãe como um arranjo psíquico catártico que cessa o império das pulsões destrutivas.

Nesse mesmo prisma, a teoria kleiniana também desconsidera a participação do pai na criação do fantasma de sedução, revelando um forte endogenismo psíquico sobre o qual o mundo interno da criança já tem seu roteiro dado e construído apenas pela criança, cabendo ao outro apenas confirmar ou refutar tal roteiro.

Com isso, Klein concilia uma posição teórica coerente com uma postura prudente para tratar da sedução, tema bastante delicado dentro cenário conservador em que se encontrava a psicanálise na época (Lanouzière, 1991). No entanto, enquanto assume a posição de se livrar de um suposto efeito de sedução pela mãe ou pelo pai, Klein (1932/1997) continua descrevendo as fantasias dessa sedução na criança, como no caso Erna.

A partir desse horizonte, é razoável considerar que a sedução materna é a condição do fantasma de sedução pelo pai. Para Lanouzière, é justamente o outro que implanta o roteiro no psiquismo do infante. “A sedução, para Klein, é uma fantasia correlativa à estrutura edipiana, ela é afluente nos seus conteúdos da sucessão, dos movimentos libidinais que constroem a história: apego, desapego, amor, ódio.” (Lanouzière, 1991, p. 61, tradução nossa).

Resumindo:

1º tempo da sedução, experiências corporais: “queria minha mãe porque ela me seduziu”;

2º tempo proporciona as fantasias: “quero meu pai porque minha mãe não me quer mais”.

Como vimos, Lanouzière (1991) define a sedução como um processo amplo que constrói os fantasmas que instaurarão os sintomas do sujeito. Como um processo amplo, não somente os pais podem participar desse processo. A sedução fraternal também poderá ser tão significativa quanto a sedução parental. Para discorrer sobre o fantasma fraternal, Lanouzière (1991) utiliza os casos clínicos kleinianos de Willy e dos irmãos Franz e Gunther (Klein, 1997/1932). Entre os dois exemplos, nos quais são narradas as relações sexuais precoces entre

irmãos, a autora observa que a agressividade e as pulsões destrutivas eram o que movia a sedução fraterna.

É importante destacar desde já a diferença entre o conceito de sedução laplancheana aqui apresentado e o conceito de relações sexuais precoces explicitadas por Klein nesses casos.

A noção de *helping figures* situa a fronteira entre a sedução e as relações sexuais precoces. Nós temos visto que a sedução exercida através da dominação e da coerção ocorre sobre o domínio das pulsões sádicas. Quando esse aspecto é predominante nas relações sexuais, os danos (para o seduzido) vão superar os danos positivos. No contrário, quando a ocasião dessas relações sexuais são ajuda e proteção trazidas para criança, então os efeitos benéficos superam o dano que podem causar. Assim, quando os fatos libidinais excedem os fatores destrutivos, eles compensam as frustrações edípicas, o medo excessivo dos pais ou suas características frias e de rejeição. (Lanouzière, 1991, p. 68, tradução nossa).

Nesse sentido, a sedução na teoria kleiniana é um processo amplo, em que a genitalidade, as relações sexuais propriamente ditas, é uma organização, uma formação secundária que será a superfície em que os elementos libidinais irão se apoiar. É possível perceber o caráter agressivo e destrutivo da sedução, como nos casos das relações sexuais precoces ou das tendências criminais das crianças, quando os aspectos destrutivos dominam as capacidades libidinais (Klein, 1928/1996).

Portanto, uma sexualidade genital exacerbada revela a predominância do sadismo arcaico. Podemos entender a organização genital como uma superfície da sedução, uma resposta do sujeito para escoar os conteúdos libidinais implantados pelo outro. As manifestações sexuais propriamente ditas revelam a qual regime estão colonizadas: ou sobre o regime das pulsões libidinais de morte, ou sobre o regime das pulsões libidinais de vida.

Na teoria kleiniana, é possível observar que os efeitos da sedução são reforçados pelo sadismo arcaico. No caso clínico descrito em *Tendências criminais das crianças normais* (Klein, 1927/1996), é possível constatar que o sadismo arcaico recebeu muitos reforços: a observação do coito dos pais e a sedução da irmã mais velha, por exemplo. A leitura de Lanouzière (1991) do texto kleiniano revela que não é a sedução em si que é traumática e patogênica; ao contrário, o traumático é o fato de a realidade externa exceder a ficção interna da destrutividade em vez de negá-la.

Podemos observar que a sedução fraterna pode ser, assim como a dos pais, a fonte de uma maciça projeção de conteúdos não metabolizados (objeto-fonte da pulsão), de conteúdos mortíferos que se organizam como pulsões libidinais de morte que usam a superfície genital para seu escoamento. A partir da explicação kleiniana de que a saúde psíquica do sujeito será

determinada no balanceamento do sadismo arcaico com as pulsões de vida, observamos não só que o outro desempenha o papel de negar uma ficção interna destrutiva, mas também que essa própria ficção destrutiva já é uma resposta precária do sujeito para dar conta da invasão dos conteúdos mortíferos de ausência, medo, sedução, agressividade que a mãe, o pai e os irmãos, transmitem ao infante. Vejamos:

Melanie Klein não leva suficientemente em conta o fato de que a dependência e a impotência da criança, bem como a independência e a onipotência dos pais são elementos da realidade em que são enxertadas as fantasias de sedução. Os efeitos da excitação causada na criança pelo cuidado que ela recebe, e na mãe, por aqueles que ela dá, aos quais nenhum deles pode escapar, constituem as primeiras experiências de sedução, fontes comuns, fantasias de sedução que levam mais tarde a sedutores subsequentes. (Lanouzière, 1991, p. 82, tradução nossa).

Após discorrer sobre esse caráter geral do processo de sedução generalizada que constitui o psiquismo humano, Lanouzière (1991) usará um caso clínico relatado por Klein para acrescentar o elemento inaugural de todo o processo de sedução: o seio materno.

O caso B. trata-se de um homem de 35 anos, com sintomas de uma grave neurose obsessiva, com traços hipocondríacos. Klein (1932/1997) elabora sua hipótese clínica baseada em um dos seus importantes conceitos: a figura combinada dos pais.

Para Klein (1932/1997),

[...] os sentimentos de B. de desconfiança e de aversão, que dominavam suas relações com as mulheres em geral, puderam na análise ser remetidos em última instância à fantasia de que sua mãe estava continuamente unida com o pai no ato sexual, quando ele não podia ver. (p. 273).

Klein (1932) faz um relato detalhado do caso à luz da sua teoria do sadismo arcaico, o qual só pode ser superado com o cessar das pulsões destrutivas (ciclo da frustração e ataques invejosos) pela ativação do núcleo do seio bom, que, por sua vez, instaura o ciclo da gratificação e da reparação. No caso de B., a fantasia de que os pais se fundem num coito ininterrupto privando-o das experiências com o seio dispara as ansiedades arcaicas ambivalentes de ódio e inveja dos pais.

Para Lanouzière (1991), em consonância até aqui com a interpretação de Klein ao caso clínico, as fantasias encontradas na análise de B. a respeito de seus impulsos sádicos direcionados aos pais, a representação inconsciente sobre as partes do interior do corpo feminino, se organizam para conter e traduzir a frustração com o seio. A atração pelo seio maternal é substituída pela repulsão.

Vejamos em suas palavras:

[...] o desejo frustrado do bebê de tirar os grandes seios da mãe de seu corpete foi transformado no desejo de rebaixá-los a fim de fazer cessar a excitação que eles causavam. É nessa condição, como relata Klein, que ele pode ser capaz de amar uma mulher (Lanouzière, 1991, p. 76. tradução nossa).

Dessa maneira, paralelamente a esse desgosto inconsciente pelas mulheres, era possível para B. uma relação com elas no plano consciente através de sua postura de rejeitá-las. O desejo homossexual, portanto, foi uma saída subjetiva de B. para dar conta da excitação inconsciente provocada pela experiência originária com o seio. A organização genital enquanto um arranjo secundário e mais elaborado das pulsões integradoras serviu para traduzir as excitações disparadas pela experiência originária.

Para Lanouzière (1991), essa excitação provocada não é apenas a frustração gerada pelo fantasma da privação e da exclusão evocado pela figura combinada dos pais, mas acrescentada a essa experiência se vê a implantação de conteúdos do inconsciente da mãe sendo transmitidos para B. Lanouzière (1991) afirma que é possível que a rejeição às mulheres não seja exclusivamente uma tradução só para dar conta do caráter excitante dos seios. Verifica-se que a revolta de B. contra os seios femininos se liga ao desgosto semelhante que sua mãe tinha para com os genitais masculinos.

Isso significa que “a característica sedutora do seio resulta principalmente de que inconscientemente ele significa para a mãe como veículo de sua própria sexualidade, de seus gostos e desgostos” (Lanouzière 1991, p. 78, tradução nossa). Para reafirmar seu argumento, Lanouzière (1991) comenta outro texto de Klein (1923/1996), no qual a autora discute a tese freudiana sobre Leonardo da Vinci (Freud, 1910/1996).

Na ótica de Klein (1923/1996), no caso de Leonardo da Vinci podemos observar que, ao se identificar com o seio, ele o equipara inconscientemente ao pênis e ao pássaro. Segundo Lanouzière (1991), para Klein, o fantasma de Leonardo se reporta à cena de ser amamentado e beijado pela mãe. A equiparação ao pênis, a uma suposta homossexualidade de Leonardo tem como pano de fundo a representação do seio excitante.

Assim, a experiência originária com o seio comporta dois fatos:

- O prazer que ele provoca no curso da sucção e do aleitamento. Tal prazer corrobora as múltiplas sensações ligadas ao seio em si quanto à própria situação da amamentação.
- A natureza das mensagens que ele veicula, ou seja, os conteúdos inconscientes da própria mãe que lhe são transmitidos.

Portanto:

[...] podemos postular uma linguagem do seio, desconhecida da criança, esquecida ou reprimida pela própria mãe; linguagem enigmática, e sedutora porque é enigmática. [...] A linguagem do seio como toda linguagem é portadora de significações conscientes e inconscientes que escapam ao locutor como ao receptor. Mas deixam traços na psique e no corpo, traços que assumem significado mais ou menos longe da experiência primária. (Lanouzière, 1991, p. 82, tradução nossa).

A autora ainda reitera que tal linguagem enigmática, emitida e desconhecida pela mãe não foi suficientemente ouvida por Klein durante a construção de seus casos clínicos. A culpa da mãe de Erna não foi escutada assim como a forte relação dos sintomas de B. com o prazer e o desprazer de sua mãe. No entanto, é importante resgatar a teoria de Klein, pois nela percebemos os vestígios das primeiras inscrições da sedução originária, visto que Klein é uma das autoras que mais investigou os primeiros esforços de tradução da situação de sedução originária por ela conceituados como posição esquizoparanoide.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos resgatar a potência clínica kleiniana através das ferramentas teóricas oferecidas por Jean Laplanche e Jacqueline Lanouzière. Antes de examinar tais autores, buscamos entender o kleinismo a partir de um voo solo através de sua vasta obra. No entanto, devido aos limites de espaço e tempo, foi necessário encurtar tal empreitada, por isso recorreremos ao trabalho de Michel Petot, que nos serviu como atalho para o entendimento e a sistematização do sistema kleiniano. Com esse guia teórico, foi possível compreender mais a fundo a teoria das posições de Melanie Klein. Vimos que a passagem das representações primárias da pulsão serve de organizadora dos núcleos das pulsões de vida e das pulsões de morte, e sobretudo o que dá a largada para os primeiros processos psíquicos do bebê.

A partir do pensamento laplancheano, entendemos que tais núcleos organizadores kleinianos são metabóles do sujeito ao que o outro lhe implanta. O que é ‘bom’ ou ‘ruim’ é metabolizado pelo sujeito a partir da sua capacidade de resposta à alteridade. Entendemos que a experiência originária surge da relação bebê-adulto. Como vimos, Lanouzière defende a tese de que o seio é o significante por excelência que inaugura o processo de sedução generalizada, que constitui todo o psiquismo humano.

Acreditamos que não só o seio ocupa esse lugar de significante por excelência de transmissão da sedução, mas também qualquer órgão ou objeto que cristalice os efeitos do inconsciente do adulto para criança. Essa cristalização do efeito de sedução é móvel e singular a cada sujeito, a cada cultura. Uma voz, um toque, a repetição de uma palavra, uma expressão facial, uma excitação, uma história, uma cena. O seio em nossa cultura está carregado de mensagens enigmáticas, e a tese de Lanouzière acertadamente evidencia a ambivalência que toda mulher carrega consigo com a experiência do seio: o sublime, o erótico, a angústia etc. No entanto, é importante, não atribuir a esse órgão um tom universal sobre tal preposição. Acreditamos, assim como Laplanche, no caráter contingencial e móvel que os significantes enigmáticos podem ter na relação adulto-bebê.

Para a prática clínica, é essencial o não esquecimento das infinitas possibilidades de narrativas, que podem construir a realidade psíquica do ser humano. Com essa herança laplancheana, a teoria kleiniana ainda tem muito a proporcionar à prática clínica. Por exemplo, podemos entender a metábole do sujeito histérico, que, diante da ausência do objeto, construiu um núcleo da insatisfação constante porque “eu fui privada e tudo me falta agora”. Ou podemos pensar no sujeito obsessivo, que metaboliza a ausência do objeto ou a cena de exclusão, organizando um núcleo de onipotência maciça no qual tudo ele pode e dará conta de tamponar.

Desse modo, pensar a clínica a partir de teorias constitucionais, ou com endogenismo psiquismo enrijecido, encerra a investigação do analista em entender a narrativa criada pelo sujeito para lidar com seus enclaves psíquicos, seus restos tradutivos que o excitam. Atualizar a teoria kleiniana traz contribuições para uma ampliação do entendimento dos processos de simbolização que aparecem na clínica contemporânea.

O processo de sedução generalizada obriga o analista a afinar sua escuta e entender quais enclaves ainda provocam sofrimento, quais metáboles feitas pelo sujeito ainda precisam de ressignificação. Como suporte para a escuta clínica, Klein nos oferece uma descrição impecável do mundo interno, do sufocamento que as imagens más causam ao sujeito, tornando-se a fonte de patologias psíquicas. No entanto, é preciso deslocar sua teoria de uma descrição enrijecida e resgatar o processo de sedução sobre o qual cada sujeito se constitui.

Portanto, longe de um roteiro pronto *a priori* a relação mãe-bebê instaura o sexual no sujeito, inaugurando a ficção psíquica de cada sujeito. A tese de Lanouzière, que aponta o seio como objeto de sedução por excelência, nos dá pistas de que na nossa cultura há um elemento que pode sintetizar o caráter ambivalente, polimorfo da pulsão. O seio, sobretudo a quem ele pertence, é o enquadre que oferecerá os primeiros coloridos do sujeito. Acreditamos que, após

este percurso, podemos entender que a posição esquizoparanoide descrita por Klein é a organização tradutiva do eu para lidar com a intromissão de sedução generalizada.

Na clínica é importante a escuta do mundo interno, por isso cabe ao analista investigar qual a narrativa, qual tratamento o sujeito dá à implantação/intromissão do sexual do adulto em si. O trabalho da análise será, então, o caminho já ofertado por Klein: uma longa caminhada ao reconhecimento das finitudes, do caminho da reparação. Entretanto, é preciso não enrijecer tal caminho, seja no seu começo, seja no seu final. É preciso garantir seu caráter enigmático e infinito, pois é justamente a partir dessa inspiração enigmática que o sujeito atravessará seus fantasmas de sedução delimitando gradualmente suas próprias respostas e desejos a esse outro que não cessa de questioná-lo internamente.

Referências

- Bleichmar, S. (2011). *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós.
- Cintra, E. & Figueiredo, L. (2004). *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta
- Cintra, E. & Ribeiro, M. (2018). *Por que Klein?* São Paulo: Zagodoni.
- Figueiredo, L. C. (2006). A clínica psicanalítica a partir de Melanie Klein: O que isto pode significar?. *Jornal de Psicanálise*, 39(71), 125-150. Recuperado em 02 ago. 2018 a partir de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000200008&lng=pt&tlng=PT>.
- FREUD, S. (1996). Conferência XXV: a ansiedade. (J. Salomão, Trad. direção-geral). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 16, pp. 393-411). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917 [1916]).
- FREUD, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. (J. Salomão, Trad. direção-geral). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 11, pp. 73-141). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1910).
- FREUD, S. (1996). Totem e tabu. (J. Salomão, Trad. direção-geral). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 21-162). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (2014). Inibições, sintomas e angústia. (P. C. Souza, Trad.). In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1926).
- Guignard, F. (2000). *Cartas ao objeto*. (M. Pereira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (4a ed). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1957).
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (4a ed). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1946).
- Klein, M. (1991). Sobre a observação do comportamento dos bebês. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (4a ed). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1952).
- Klein, M. (1991). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (4a ed). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1948).
- Klein, M. (1996). Estágios iniciais do conflito edípiano. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1928).

- Klein, M. (1996). Tendências criminais em crianças normais. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927).
- Klein, M. (1997). *A psicanálise de crianças*. (L. P. Chaves, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Lanouzière, J. (1991). *Histoire secrète de la séduction sous le règne de Freud*. Paris: PUF.
- Lanouzière, J. (1994). De l'allaitement comme séduction originelle et comme scène originnaire de séduction. COLOQUE INTERNATIONAL DE PSYCHANALYSE (juillet 1992). Paris: PUF.
- Laplanche, J. (1983). Faut-il brûler Melanie Klein? In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1965-1992*. Psychanalyse à l'Université, 1983. Paris: PUF.
- Laplanche, J. (1992). La position originnaire du masochisme dans le champ de la pulsion sexuelle. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1965-1992*. (pp. 37-58). Paris: Aubier, 1992. (Obra original publicada em 1986).
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1987).
- Laplanche, J. (1992a). *Problemática IV: o inconsciente e o id*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1987).
- Laplanche, J. (1992b). *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1965-1992*. Paris: Aubier.
- Laplanche, J. (1993). *Problemática V: a tina*. (P. Neves, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1999). La soi-disant pulsion de mort: une pulsion sexuelle. In J. Laplanche. *Entre séduction et inspiration l'homme*. Paris, PUF.
- Laplanche, J. (2016). *Nouveaux fondements pour la psychanalyses: la séduction originnaire*. Paris: PUF. (Obra original publicada em 1987).
- Petot, M. J. (1992). *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto (1932-1960)*. São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1982).
- Ribeiro, M. (2018). A posição feminina: uma teoria sobre a feminilidade e a masculinidade. In Cintra, E & Ribeiro, M. (2018). *Por que Klein?* (pp. 99-107). São Paulo. Zagodoni.

Reflexões finais

Após um longo percurso de investigação da obra kleiniana concluímos nossas hipóteses iniciais acerca dos possíveis avanços que o resgate da teoria kleiniana poderia nos

oferecer. Observamos que a clínica kleiniana oferece teorizações muito importantes para o fazer clínico, bem como para o entendimento da constituição e dos mecanismos do psiquismo humano. Contudo, como em qualquer obra observamos pontos nebulosos que dão margem a uma técnica psicanalítica enrijecida, exigindo que a pesquisa em psicanálise esteja sempre atenta.

Como vimos, no primeiro artigo, nossa conclusão foi que a teoria da castração, se localizada como um esquema narrativo que chancela o recalque secundário, pode ser usada como chave de leitura e guia de intervenções clínicas para um leque variado de arranjos subjetivos. Contudo, lida como uma teoria universal e atemporal, a teoria da castração (seja como signo organizador o falo – teoria freudiana ou o seio – teoria kleiniana) funciona apenas como ferramenta técnica para arranjos subjetivos historicamente hegemônicos, negligenciando e/ou patologizando outras formas de subjetivação.

Ademais, a gênese projetiva da angústia da castração exhibe a gradação dos possíveis espectros dos mecanismos de defesa do psiquismo. Assim, percebemos que uma teoria do falo ou do seio só nos revela que o signo sobre o qual se organizam o recalque originário e o recalque secundário são contingenciais e móveis a cada história libidinal de cada sujeito. No entanto, é importante lembrar, que tal preceito também nos mostra a importância do signo, ou seja, de algo que impulse as engrenagens psíquicas; um veículo para os conteúdos das mensagens emitidas pelo adulto cuidador e pelo *socius* do adulto cuidador. Tais mensagens, com seus conteúdos contingentes e móveis, servirão de base para a inauguração do psiquismo humano.

Dessa maneira, na clínica, ao ouvir um paciente, o analista abre seus ouvidos para a escuta do infinito particular de cada sujeito.²⁷ O analista ouve sobre os tratamentos, os esquemas narrativos, as formações de compromissos, dos quais o sujeito lançou mão para dar conta do processo infinito de perdas e ameaças psíquicas desde sua constituição. O que é o viver senão assumir e dar conta das perdas e das finitudes que o encontro com a alteridade provoca constantemente? Como diria o escritor Mía Couto, “como há espaço, dentro de nós, para enterrarmos as nossas pequenas mortes” (Couto, 2012, p. 38). Para Melanie Klein (1935), o trabalho analítico será justamente ampliar esses espaços intrapsíquicos através da posição depressiva.

27

Referência à canção *Infinito particular*, de autoria de Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown, e faixa título do CD homônimo. EMI/Monte Criação e Produção LTDA, 2006.

Podemos entender, então, a posição depressiva como uma ferramenta clínica com a qual o analista pode contar para entender os mecanismos psíquicos oriundos de uma posição mais integrada e elaborada do sujeito. É importante entender, dentro de cada narrativa singular a cada sujeito, quais os entraves que o impedem de se sentir importante, criativo, em qual parte de sua própria história ele se culpa ou se impede de acreditar na sua potência criativa ou reparadora. Aqui, a teoria da castração nos ajudará a entender qual ponto dessa narrativa está representada como falta, de qual esquema narrativo esse sujeito lançou mão para lidar com os inúmeros furos narcísicos que o encontro/distanciamento do outro provoca.

Já no segundo artigo, investigamos os processos anteriores da posição depressiva. Tentamos entender por que Melanie Klein não abriu mão de seus roteiros já predeterminados da constituição psíquica. Como hoje nos ajuda uma teoria constitucional do psiquismo? Não julgamos que seja suficiente apenas ignorar tais preceitos e apenas nos servir dos pontos mais claros da teoria kleiniana. Há a possibilidade de encontrar avanços naquilo que nos soa tão antiquado?

Nosso segundo artigo nos mostrou que sim. Ao aproximar a teoria das posições, de Klein, sobretudo a posição esquizoparanoide, da teoria da sedução generalizada, de Jean Laplanche, pudemos constatar que Klein, na falta de recursos teóricos mais sofisticados, recorreu ao que lhe era mais plausível para explicar a origem dos fenômenos psíquicos arcaicos por ela observados. O inatismo, para Klein, era o que poderia explicar a gama de processos psíquicos oriundos do que ela veio a chamar de posição esquizoparanoide.

Com base nesta investigação, pudemos entender as imagos kleinianas como traduções arcaicas que organizam as primeiras experiências psíquicas proporcionadas pela díade eu-outro. Dessa maneira, entender os mecanismos defensivos dessa primeira experiência nos serve de ferramenta clínica para as intervenções na escuta de enclaves psíquicos mais rígidos; sofrimentos que se mostram mais morosos na sua elaboração. A cisão entre o mau e o bom seria a primeira tradução daquilo que é ameaçador ou confiável para o eu. Na clínica é importante entender em quais núcleos o paciente está mais imerso. A partir disso, o horizonte será a desconstrução e a construção de outros esquemas narrativos. A tese de Lanouzière (1991) nos ajudou a contornar com mais segurança nossas hipóteses. O seio como signo que condensa as mensagens enigmáticas que fundarão o psiquismo e seus desdobramentos ulteriores corrobora a tese kleiniana do corpo da mãe enquanto palco das primeiras introjeções e projeções psíquicas (Klein, 1957/1991).

Para finalizar, apesar das contribuições que tal leitura traz para a clínica atual, não julgamos esgotada a investigação desse tema. Entendemos que, por causa das limitações

físicas e temporais, não avançamos em alguns pontos, que por certo merecem uma atenção maior, por exemplo, uma investigação mais completa e sistematizada da teoria kleiniana. Contamos com a ajuda de Michel Petot (1981, 1991) como guia do nosso recorte metodológico, devido à complexidade e ao tamanho da obra kleiniana. No entanto, torna-se importante, para trabalhos futuros, uma própria sistematização para o aprofundamento da investigação sobre a teoria da sedução generalizada e a teoria kleiniana, a fim de sanar as limitações do presente trabalho ou as questões suscitadas. Por exemplo, haveria um estatuto para a sedução na obra de Klein? Para a clínica atual, como pensar as intervenções no *setting* fundamentadas na teoria proposta por este trabalho? Como pensar os esquemas narrativos típicos de cada estrutura clínica?

Esses enigmas, que, assim como os enigmas provocados pela alteridade de cada psiquismo humano, nos movem para a infindável tentativa de desvendá-los. A posição daquele que navega na pesquisa em psicanálise se assemelha à postura do bebê kleiniano no auge de sua posição depressiva: em luto pelos limites e finitudes porém gratificado e, por isso, sempre aberto às novas invenções.

Referências da introdução e das reflexões finais

- Butler, J. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (9a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990).
- Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* (S. T. N. Lamarão & A. M. Cunha, Trans.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 2009).
- Butler, J. (2015). *Relatar a si mesmo: crítica à violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 2005).
- Couto, M. (2012). *A confissão da leoa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Falbo, G. (2010). O espaço vazio: reflexões sobre a função do vazio na cura psicanalítica e na arte. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 13(1), 109-120. Publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ.
- Foucault, M. (1999) Entrevista com Michel Foucault. In M. Motta (Org.). *Ditos e escritos. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. (Vol. 1, pp. 300-312). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1984).
- Haraway, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial, *Cadernos Pagu*, (5), 1995, pp. 7-42.
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trans.). (4a ed). (pp. 205-267). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1957).
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trans.). (4a ed). (pp. 17-43). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1946).
- Klein, M. (1991). Sobre a observação do comportamento dos bebês. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trans.). (4a ed). (pp. 119-148). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1952).
- Klein, M. (1991). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). (E. M. R. Barros, L. P. Chaves e col., Trans.). (4a ed). (pp. 44-163). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1948).
- Klein, M. (1996). Estágios iniciais do conflito edípico. In M. Klein. *Amor culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). (A. Cardoso, Trad.). (pp. 214-227). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1928).
- Klein, M. (1996). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (A. Cardoso, Trad.). (pp. 413-464). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1945).

- Klein, M. (1996). Tendências criminais em crianças normais. In M. Klein. *Amor culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. (A. Cardoso, Trad.). (pp. 197-213). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927).
- Klein, M. (1997). *A psicanálise de crianças*. (L. P. Chaves, Trad.). Rio de Janeiro. Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Klein, M. (1997a). Os efeitos das ansiedades arcaicas no desenvolvimento sexual da menina. In M. Klein. *A psicanálise de crianças*. (L. P. Chaves, Trad.). (pp. 213-257). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1932).
- Klein, M. (1997b). Os efeitos das ansiedades arcaicas no desenvolvimento sexual do menino. In M. Klein. *A psicanálise de crianças* (L. P. Chaves, Trad.). (pp. 258-297). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1932).
- Kristeva, J. (2002). *O gênio feminino. Tomo II. Melanie Klein*. (J. L. Melo, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Lacan, J. (1998). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. (V. Ribeiro, Trad.). In J. Lacan. *Escritos*. (pp. 749-775). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lanouzière, J. (1991). *Histoire secrète de la séduction sous le règne de Freud*. Paris: PUF..
- Laplanche, J. (1981). *Problemáticas IV: o inconsciente e o id*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1983). Faut-il brûler Melanie Klein? In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1965-1992. Psychanalyse à l'Université*. (pp. 212-226). Paris: PUF.
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas II: castração, simbolizações*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992b). *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1965-1992*. Paris: Aubier.
- Petot, J. M. (1987). *Melanie Klein: primeiras descobertas e primeiro sistema*. São Paulo: Perspectiva.
- Petot, M. J. (1992). *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto (1932-1960)*. São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1982).
- Preciado (2011). Multidões *queer*: notas para uma política dos 'anormais'. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, Vol. 19, n. 1, p. 11-20, abr. 2011.
- Preciado, B. P. (2002). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Madrid: Ópera Prima.
- Rubin, G. (1975). The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex. In R. Reiter (Ed.). *Toward an Anthropology of Women*. (pp. 157-210). New York: Monthly Review Press.

Rubin, G. (1984). Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In Carole Vance (Ed.), *Pleasure and Danger*. (cap. 9, pp. 143 -178). Nova York: Routledge & Kegan.

Sayers, J. Melanie Klein: Psychoanalysis and Feminism. *Feminist Review*, n. 25(Spring, 1987), p. 23-27.